



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
FACULDADE DE LETRAS

**ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO EM TEXTOS OPINATIVOS
DE LETRADOS PORTUGUESES**

Patricia Ferraz de Paiva Silva

Rio de Janeiro

2023

PATRICIA FERRAZ DE PAIVA SILVA

ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO EM TEXTOS OPINATIVOS
DE LETRADOS PORTUGUESES

Monografia submetida à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro, como
requisito parcial para o título de Licenciada em
Letras na habilitação Português/ Literaturas.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Mônica Tavares Orsini.

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S586e Silva, Patricia Ferraz de Paiva
Estudo das construções de tópico marcado em textos
opinativos de letrados portugueses / Patricia
Ferraz de Paiva Silva. -- Rio de Janeiro, 2023.
54 f.

Orientador: Mônica Tavares Orsini.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade
de Letras, Licenciado em Letras: Português -
Literaturas, 2023.

1. Tópico marcado. 2. Artigo de opinião. 3.
Português Europeu. I. Orsini, Mônica Tavares,
orient. II. Título.

ESTUDO DAS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO EM TEXTOS OPINATIVOS
DE LETRADOS PORTUGUESES

Patricia Ferraz de Paiva Silva

Orientadora: Professora Doutora Mônica Tavares Orsini

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Licenciada em Letras, na habilitação Português/Literaturas.

Examinado por:

_____ Nota:
Orientadora, Professora Doutora Mônica Tavares Orsini

_____ Nota:
Leitor crítico, Professora Doutora Violeta Virgínia Rodrigues

Rio de Janeiro, de de Média:

Rio de Janeiro

2023

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me permitido chegar até aqui e por ter me dado forças para concluir a graduação.

Agradeço aos meus pais, Edmar e Rosangela, por serem o meu suporte durante todo o curso e por sempre acreditarem em mim. Vocês foram essenciais para que eu avançasse em cada etapa.

Sou grata também ao meu noivo por todo o incentivo e apoio desde o primeiro período da faculdade. Obrigada por cada livro que me presenteou para facilitar os meus estudos durante o curso.

Agradeço aos meus tios, César e Cristine, por me impulsionarem a ser melhor, mas também sou extremamente grata por sempre estarem disponíveis para me ajudar com as inúmeras impressões de atividades acadêmicas.

Agradeço a minha querida orientadora, Mônica Orsini, antes de tudo, por acreditar em mim, e também por cada conhecimento que me transmitiu. Ter o prazer de conhecê-la, fez toda a diferença na minha jornada acadêmica.

Sou grata por ter conhecido a Adriana, que foi uma grande amiga durante toda a graduação. Poder compartilhar o dia a dia na faculdade com ela tornavam os semestres mais leves e divertidos.

Agradeço a todos os professores que conheci e que fizeram parte do meu processo de formação.

Por fim, agradeço a todos os familiares e amigos que torceram por mim ao longo desses quatro anos e meio de graduação. A todos, muito obrigada.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. PONTOS DE PARTIDA.....	8
2.1 Conceito de tópico marcado.....	8
2.2 As estratégias de tópico marcado no PE segundo gramáticas descritivas.....	9
2.3 As estratégias de tópico marcado na escrita do letrado brasileiro.....	13
2.4 Trabalhos descritivos sobre as construções de tópico marcado no PE.....	16
3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	23
3.1 A formação do português e a constituição da norma padrão europeia.....	23
3.2 Teoria de Princípios e Parâmetros.....	26
3.2.1 O Parâmetro do Sujeito Nulo no PE.....	27
3.2.2 O Objeto Nulo no PE.....	30
4. METODOLOGIA.....	36
4.1 Tipo de pesquisa.....	36
4.2 A amostra.....	36
4.3 O gênero textual artigo de opinião e o contínuo de monitoração estilística.....	37
4.4 Os aspectos linguísticos estudados.....	39
4.5 Os objetivos e as hipóteses.....	40
5. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS.....	41
5.1 As construções de tópico marcado na escrita do letrado português.....	41
5.2 Tópico pendente.....	42
5.3 Topicalização.....	44
5.4 Deslocamento à esquerda clítico.....	46
5.5 Tópico pendente com retomada.....	48
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	53

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho configura-se em um recorte do projeto de pesquisa intitulado *A escrita padrão portuguesa: o tópico frásico no domínio midiático*, coordenado pela Prof^a Dr^a Mônica Orsini Tavares. Este projeto tem como objetivo central investigar se as construções de tópico marcado estão presentes na escrita padrão dos portugueses, a fim de, futuramente, comparar o comportamento dessas construções com o que ocorre na escrita do letrado brasileiro. O projeto da referida professora reúne uma amostra composta por cinco gêneros textuais - *editorial, reportagem, artigo de opinião, crônica e carta de leitor* - retirados dos jornais *Diário de Notícias* e *Público*, sendo todos escritos por letrados portugueses. Participei do projeto como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC/ CNPq) de junho de 2022 a dezembro de 2023.

Esta monografia, centrada apenas nos dados coletados do gênero *artigo de opinião*, tem como objetivo descrever as características morfossintáticas e semânticas das diferentes estratégias de construção de tópico marcado, na escrita do letrado português. A amostra utilizada para essa investigação constitui-se de 254 textos publicados, escritos por diversos articulistas entre o período de 2009 e 2019.

A pesquisa está embasada na Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), com foco na marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no PE. Também trazemos as características do objeto nulo, no PE, e a sua possível relação com as construções de tópico marcado, principalmente, a topicalização. Optamos por uma análise quali-quantitativa dos dados, com o objetivo de suscitar generalizações a respeito da escrita do letrado português.

Este trabalho está estruturado em seis partes. A “Introdução” que constitui este primeiro capítulo. No capítulo 2, descrevemos o conceito de tópico marcado segundo as gramáticas descritivas e retomamos trabalhos anteriores que abordam o tema deste estudo. No capítulo “Pressupostos Teóricos”, apresentamos o aporte teórico que fundamenta a pesquisa. Em seguida, no capítulo 4, descrevemos detalhadamente a metodologia e a amostra por nós constituída. No capítulo 5, apresentamos os resultados encontrados e, por fim, no sexto capítulo, expomos as considerações finais com a base na análise.

2. PONTOS DE PARTIDA

Neste capítulo, apresentaremos a definição e as diferenças entre as estruturas sintáticas de tópico-comentário e de sujeito-predicado. Também faremos uma descrição das estratégias de tópico marcado presentes no Português Europeu (PE), com base nas gramáticas descritivas. Em seguida, revisitaremos alguns trabalhos que abordam as construções de tópico marcado no PB e no PE, abrangendo as modalidades oral e escrita.

2.1 Conceito de tópico marcado

Na língua portuguesa, as relações predicativas podem ser constituídas por estruturas de sujeito-predicado e de tópico-comentário. As construções de sujeito-predicado são construídas a partir de um predicador que projeta um argumento externo¹ que exerce a função de sujeito da sentença e estabelece concordância verbal, como em (1):

(1) [*Essa tua amiga*] conhece bem a região de Tomar. (Raposo *et al.*, 2013, p. 401)

No exemplo acima, observamos que o sintagma nominal *essa tua amiga* estabelece relação de concordância com o predicador *conhece* e, portanto, exerce a função sintática de sujeito da sentença.

Por outro lado, as construções de tópico-comentário são caracterizadas por apresentarem um tópico, que é definido como um constituinte que está localizado na periferia esquerda da sentença, sobre o qual se faz uma declaração por meio de um comentário, conforme se verifica em (2):

(2) [*O Pedro*]_i; os miúdos vieram com ele_i; da escola. (Mateus *et al.*, 2003, p. 490)

No exemplo acima, vemos que o sintagma nominal *O Pedro* não é o sujeito, mas sim o tópico, já que é o constituinte que está mais à esquerda da sentença e, logo em seguida, há o comentário a seu respeito, *os miúdos vieram com ele da escola*. Neste caso, o sujeito é *os miúdos* que se encontra inserido no comentário, sendo projetado pelo predicador *vieram* e

¹Ressalva deve-se fazer aos verbos inacusativos, considerados intransitivos pela gramática tradicional. O seu único argumento é gerado na posição de argumento interno, mas é movido para a posição anterior ao verbo, estabelece a concordância verbal, recebe caso nominativo e exerce a relação gramatical de sujeito da sentença.

estabelecendo relação de concordância com ele. Por isso, o exemplo acima é definido como uma estrutura de tópico-comentário.

No que tange, porém, ao conceito de sujeito atribuído pela descrição tradicional, Perini (2007) levanta críticas pertinentes, já que existe um conflito acerca das definições de sujeito e tópico.

Uma das definições mais recorrentes para conceituar o sujeito é a de que ele corresponde ao “ser sobre o qual se faz uma declaração” (Cunha; Cintra, 2016, p. 136), porém esta noção se mostra insatisfatória, visto que ela se aplica a sentenças de tópico-comentário, para definir o tópico e não o sujeito. Para comprovar a sua tese, Perini (2007) apresenta o exemplo a seguir:

(3) [*Esse bolo*]_i eu não vou comer ___i. (Perini, 2007, p.15)

Assim, em (3), utilizar a definição da gramática tradicional para identificar o sujeito nos levaria à identificação do tópico *esse bolo*, e não do sujeito *eu*. Neste contexto, fica evidente que o tópico marcado é uma categoria discursiva, não sendo controlado pelo predador, diferentemente do sujeito que é uma categoria sintática.

Orsini e Vasco (2003, p. 83) definem o tópico marcado como “o sintagma nominal ou preposicional, externo à sentença, normalmente já ativado no contexto discursivo, sobre o qual se faz uma proposição por meio de um comentário.”.

Neste trabalho, investigamos o tópico marcado na escrita do europeu letrado.

2.2 As estratégias de tópico marcado no PE segundo gramáticas descritivas

Com base nas descrições de Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013), no PE existem três estratégias de construção de tópico marcado, descritas a seguir: (i) tópico não retomado por um constituinte interno ao comentário, (ii) tópico retomado no comentário por um constituinte lexicalmente exposto e (iii) tópico coindexado a um elemento interno ao comentário por meio de uma categoria vazia.

(i) **Tópico não retomado por um constituinte interno ao comentário:** este tipo de estratégia caracteriza-se por apresentar um grau mínimo de sintatização, pois não há vínculo sintático entre o tópico e um constituinte no interior do comentário. A relação que prevalece é apenas semântica. Nesta construção, chamada de tópico pendente, o tópico pode ser

introduzido por um SN ou por locuções prepositivas, como *quanto a, a propósito de, no que diz respeito a* e afins. Costumam ser mais frequentes em contexto de frase-raiz, isto é, orações absolutas, coordenadas ou matriz.

(4) [*Quanto ao debate de ontem à noite*], é forçoso reconhecer que há políticos que falam sobre um país que não conhecem. (Mateus *et al.*, 2003, p. 492)

(5) [Sobremesas], como vê, temos laranjas. (Raposo *et al.*, 2013, p. 409)

Observando o exemplo (4), notamos que o tópico *Quanto ao debate de ontem à noite* está sendo introduzido pela locução prepositiva *quanto a* e não estabelece qualquer conexão sintática com o comentário que vem a seguir; o que existe é uma relação exclusivamente semântica entre o tópico e comentário. O mesmo ocorre com o exemplo (5), mas, neste caso, o tópico é introduzido pelo SN *sobremesas*, hiperônimo da palavra *laranjas* com quem estabelece vinculação semântica. Assim, do conjunto das sobremesas possíveis o enunciador tem laranja para oferecer.

(ii) **Tópico retomado no comentário por um constituinte lexicalmente expresso:** neste tipo, as construções de tópico-comentário subdividem-se em *Deslocação à esquerda de tópico pendente* e *Deslocação à esquerda clítica*, que serão descritas a seguir.

✓ **Deslocação à esquerda de tópico pendente:** esta construção apresenta um tópico SN, podendo estar vinculado a diferentes funções sintáticas exercidas pelo correferente, lexicalmente expresso, no interior do comentário. Essa retomada pode ser feita por um epíteto ou um pronome, como mostram os exemplos.

(6) [*O João*]_i, não sei quem possa simpatizar com [*esse anormal*]_i. (Raposo *et al.*, 2013, p. 410)

(7) [*O João*]_i, não sei quem possa simpatizar [*com ele*]_i. (Raposo *et al.*, 2013, p. 411)

(8) [*Água de coco*]_i, gosto imenso [*dela*]_i. (Raposo *et al.*, 2013, p. 411)

Nestes exemplos, todos os tópicos são um sintagma nominal. Em (6), o tópico *O João* é retomado no interior do comentário pelo epíteto *esse anormal*; em (7), pelo pronome pessoal *ele*. No exemplo (8), o tópico *água de coco* está sendo retomado pelo pronome pessoal *ela*, formando a contração *dela* (de + ela).

As construções de deslocação à esquerda de tópico pendente apresentam um grau fraco de sintatização, ou seja, o tópico e o correferente apresentam apenas conformidade dos traços gramaticais de pessoa, gênero e número, ocorrendo, de forma recorrente, em frases-raiz (exemplo 8), mas também em orações subordinadas (exemplos 6 e 7).

✓ **Deslocação à esquerda clítica:** neste tipo de construção, o tópico precisa ser obrigatoriamente retomado, no interior do comentário, por um pronome clítico, acusativo ou dativo. Na deslocação à esquerda clítica, existe um grau elevado de sintatização entre o tópico e o correferente, visto que entre eles há conformidade referencial, categorial, casual e temática, conforme se verifica em (9):

(9) [*Esses artigos*]_i, só [*os*]_i vou ler amanhã. (Raposo *et al.* 2013, p. 413)

No exemplo (9), O tópico *Esses artigos* está sendo retomado no interior do comentário pelo clítico acusativo *os*. Ele configura um perfeito exemplo de deslocação à esquerda clítico, porque entre o tópico e o correferente há um forte vínculo sintático, já que o SN tópico estabelece conformidade referencial, categorial, casual e temática com o pronome que o retoma.

Vale ressaltar que a estratégia de deslocação à esquerda clítica não ocorre em todos os casos em que houver um tópico sendo retomado por um pronome clítico, pois para que a sua classificação seja adequadamente feita é imprescindível o grau elevado de sintatização entre tópico e correferente. Por isso, em (10), há uma construção de deslocação à esquerda de tópico pendente, visto que o sintagma nominal *O João* e o correferente *lhe* apresentam um grau fraco de sintatização, em razão de o SN não receber caso dativo, como se verifica em (11), uma vez que o SP *Ao João* é retomado pelo clítico dativo *lhe*, estabelecendo conformidade referencial, categorial, casual e temática.

(10) [*O João*]_i, a Maria ofereceu-*[lhe]*_i um livro no dia dos anos. (Raposo *et al.*, 2013, p. 413)

(11) [*Ao João*]_i, a Maria ofereceu-*[lhe]*_i um livro no dia dos anos. (Raposo *et al.*, 2013, p. 413)

Além disso, essa estrutura não está restrita a frases-raiz, podendo ocorrer em orações coordenadas e diferentes tipos de orações subordinadas, como exemplificam (12) e (13), em

que se observa a ocorrência em uma coordenada adversativa e uma subordinada completiva de verbo, respectivamente. Notamos, ainda, que há sempre adjacência sintática.

(12) O João ofereceu-me um livro, mas [*ao Pedro*]_i, não [*lhe*]_i deu nada. (Raposo *et al.*, 2013, p. 415)

(13) Podes crer que [*a mim*]_i, ninguém [*me*]_i contou essa versão da história. (Raposo *et al.*, 2013, p. 415)

(iii) **Tópico retomado por uma categoria vazia no interior do comentário:** nesse caso, identificam-se duas estruturas distintas – topicalização e topicalização selvagem ou não canônica.

✓ **Topicalização:** caracteriza-se por apresentar obrigatoriamente uma categoria vazia a que o tópico está vinculado no interior do comentário, estabelecendo um grau elevado de sintatização; não está limitada a contexto de frases-raiz, como em (14).

(14) [*A essa conferência*]_i, confesso que não assisti _____i. (Raposo *et al.*, 2013, p. 416)

O tópico *A essa conferência* é projetado pelo predicador *assistir*, que exige um SP. Este foi movido para a periferia esquerda da sentença, gerando uma categoria vazia que estabelece vinculação sintática com o tópico.

✓ **Topicalização selvagem ou não canônica:** nela ocorre a perda da preposição exigida pelo predicador durante o movimento do constituinte para a periferia esquerda da sentença, como no caso a seguir:

(15) [*Essa cerveja*]_i, eu não gosto _____i. (Mateus *et al.*, 2003, p. 501)

Neste exemplo, o predicador *gosto* seleciona um argumento interno que deve ser introduzido pela preposição *de*, mas o que ocorre no exemplo acima é que, no momento da movimentação do constituinte para a periferia esquerda, a preposição foi suprimida. Dessa forma, essa estratégia de topicalização apresenta vínculo referencial e temático, porém não apresenta ligação categorial e casual.

Além disso, é importante mencionar que, segundo as gramáticas descritivas do PE, a supressão da preposição é aceita pelos letrados portugueses nos casos em que ela não possui conteúdo semântico, conforme ocorreu em (15). Por outro lado, a supressão não é aceita nas ocorrências em que a preposição apresenta grau de conteúdo semântico elevado.

(16) *O João_i, conversei ____i na festa. (Mateus *et al.*, 2003, p. 501)

(17) [*Com o João*]_i, conversei ____i na festa. (Mateus *et al.*, 2003, p. 501)

A construção presente em (16) é considerada agramatical, no PE, devido à ausência da preposição com grau elevado de conteúdo semântico.

2.3 As estratégias de tópico marcado na escrita do letrado brasileiro

Embora esse trabalho trate das estratégias de tópico marcado na escrita do letrado português, apresentamos, nessa seção, a descrição das construções na escrita do letrado brasileiro porque (i) não encontramos no PE tal descrição e (ii) serve-nos de referência para a investigação do PE.

O trabalho de Orsini (2020) propõe uma análise tipológica das estratégias de tópico marcado na escrita do letrado brasileiro. A amostra utilizada reúne 1.456 textos, que pertencem a cinco diferentes gêneros textuais, sendo eles *editorial*, *reportagem*, *artigo de opinião*, *crônicas* e *cartas de leitor*. Todos os textos foram publicados durante o período compreendido entre 2009 e 2015, nos jornais *O Globo* e *Folha de São Paulo*, que têm como público leitor indivíduos pertencentes às classes socioeconômicas mais privilegiadas. Dos 1.456 textos lidos, foram encontradas apenas 260 ocorrências de estruturas de tópico marcado, sendo elas tópico pendente, topicalização, deslocamento à esquerda e tópico pendente com retomada.

(i) **Tópico pendente:** nessa estratégia, o tópico não estabelece vínculo sintático com o comentário, já que não é projetado pelo predador da sentença, de modo que a relação entre tópico e correferente é apenas semântica. Na escrita culta do PB, assim como no PE, verificou-se que o tópico pode ser introduzido por uma locução prepositiva, como *quanto a* e afins, conforme aponta o exemplo (18), mas também pode ser introduzido por um SN, como em (19).

(18) [Quanto ao Código Canônico], lembro que toda regra tem exceção ou mitigação. (Orsini, 2020, p. 163)

(19) [Droga] tem muito a ver com fracassos na vida em família. (Orsini, 2020, p. 163)

Os tópicos *Quanto ao Código Canônico* e *Droga* não estabelecem vínculo sintático com nenhum elemento no interior do comentário; a relação é exclusivamente semântica.

(ii) Topicalização: esta construção é definida por apresentar uma categoria vazia a que o tópico está sintaticamente vinculado no interior do comentário, conforme se observa em (20):

(20) [À constatação, feita em entrevista nesta quarta-feira]_i, Lula acrescentou um vaticínio _____i: “ E depois nada aconteceria”. (Orsini, 2020, p. 164)

O tópico *À constatação, feita em entrevista nesta quarta-feira* é retomado no interior do comentário por uma categoria vazia e que está exercendo o papel de objeto indireto, exigido pelo predicador *acrescentou*.

(iii) Deslocamento à esquerda: no deslocamento à esquerda, o tópico é retomado por um elemento lexicalmente expresso no interior do comentário, apresentando vínculo sintático com o seu correferente. No trabalho de Orsini (2020), foram encontrados subtipos, denominados de deslocamento à esquerda clítico e deslocamento à esquerda não clítico, que serão descritos a seguir.

✓ Deslocamento à esquerda clítico: O tópico é retomado por um clítico no interior do comentário, havendo forte vínculo sintático entre ele e correferente, como ocorre em (21):

(21) Aliás, [motor traseiro e transmissão automática]_i os saudosos "Gostosões", fabricados pela General Motors na década de 50, já [os]_i possuíam. (Orsini, 2020, p. 164)

O tópico *motor traseiro e transmissão automática* está estabelecendo vínculo sintático com o clítico acusativo *os*, que é o seu correferente, exercendo função de objeto direto.

✓ Deslocamento à esquerda não clítico: nesta estrutura, o tópico não é retomado no interior do comentário por um clítico, de modo que a conectividade sintática entre tópico e correferente é fraca, como no exemplo (22).

(22) [O verdadeiro custo]_i, [este]_i não pode ser colocado em números porque é pessoal. (Orsini, 2020, p. 164)

Neste caso, o tópico *O verdadeiro custo* está vinculado ao pronome demonstrativo *este* no interior do comentário, existindo correspondência nos traços de número, pessoa e gênero.

(iv) Tópico pendente com retomada: essa estratégia não está presente em Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013), mas foi encontrada por Orsini (2020). A estratégia é caracterizada por apresentar o tópico, que é introduzido por locução prepositiva *quanto a e afins*, retomado por uma categoria vazia ou por um elemento lexicalmente exposto, estabelecendo conectividade sintática entre tópico e correferente. Os papéis desempenhados podem ser de sujeito (23), complemento verbal (24) e complemento nominal (25). Nos exemplos a seguir, o tópico é sempre retomado por um elemento lexicalmente exposto².

(23) [Quanto aos parafusos para o emplacamento de carro zero]_i, [eles]_i vêm de fábrica, junto com o manual do veículo, pois cada modelo exige um tipo específico. (Orsini, 2020, p. 165)

(24) [Quanto aos partidos políticos corruptos das últimas décadas]_i, quem se lembrará [deles]_i daqui a cem anos? (Orsini, 2020, p. 165)

(25) [E quanto ao famoso ouro de Moscou, no qual se cevavam os comunistas]_i, não só nunca vi sinal [dele]_i, como acredito que os comunistas meus amigos tampouco - foram eles os que roubaram e beberam os dois litros de King's Archer. (Orsini, 2020, p. 165)

Em (23) o tópico é retomado no comentário pelo pronome pessoal *eles*, que exerce função sintática de sujeito. No exemplo (24), o correferente *deles* desempenha o papel de oblíquo nuclear (cf. Mateus *et al.*, 2003). Já em (25), o tópico é retomado no interior do comentário na função de complemento nominal.

² Para a discussão sobre o comportamento variável de tópico pendente com retomada com sujeito nulo ou exposto, ver o trabalho de Orsini (2018), que não será aqui discutido por não ser o foco deste estudo.

O trabalho de Orsini (2020) aponta para a existência, na escrita do letrado brasileiro, de estruturas que não são contempladas pela descrição tradicional ou são avaliadas como desvios. Além disso, a análise verificou a presença de estruturas originalmente próprias da fala que começam a permear a escrita culta, ainda que com baixa frequência, como o tópico pendente introduzido por SN, exemplificado em (19) e o deslocamento à esquerda não clítico, transcrito em (22).

A pesquisa também constatou a presença de dados de deslocamento à esquerda clítico na escrita culta do letrado brasileiro, recuperando uma categoria quase ausente na modalidade oral do PB, em razão do PB ter preferência por construções com objeto nulo (Orsini; Vasco, 2007). Esses dados evidenciam que, apesar da queda dos pronomes de terceira pessoa na fala do PB, a escrita do letrado brasileiro é mais conservadora.

Em relação às estratégias de topicalização, não houve ocorrência da supressão da preposição nas funções dativa ou oblíqua. Nos dados de topicalização de objeto indireto, verificou-se o resgate da preposição *a* ao invés da preposição *para*, mais recorrente na fala do brasileiro. Confira o exemplo (20).

É nosso interesse, nesta monografia, observar se na escrita culta portuguesa há dados semelhantes aos encontrados na escrita do brasileiro letrado.

2.4 Trabalhos descritivos sobre as construções de tópico marcado no PE

Importante trabalho que contribuiu para os estudos das estruturas de tópico-comentário no PE é o de Garcia (2014), pois ele estuda as construções de topicalização e deslocamento à esquerda, comparando a modalidade oral do Português Europeu e do Português Brasileiro. A amostra utilizada pertence ao acervo sonoro do projeto *Concordância*, constituído por entrevistas realizadas entre 2007 e 2010. Os dados dos brasileiros decorrem de falantes, moradores de Copacabana, no Rio de Janeiro, enquanto os falantes portugueses são moradores da região de Oeiras, em Lisboa.

Considerando que esta monografia versa sobre o Português Europeu, concentramo-nos nos resultados obtidos por Garcia (2014) para essa variedade. Seu estudo revela que as construções de topicalização são menos frequentes no PE que no PB, correspondendo a 40% dos dados. Quanto à função sintática a que o tópico está vinculado no interior do comentário, a análise evidenciou que a topicalização de sujeito, entre os falantes mais letrados, é superior à topicalização de objeto direto (46% x 37%). Entretanto, entre os menos letrados, a função sintática de objeto direto é mais recorrente do que a de sujeito (49% x 33%). No que diz

respeito à topicalização de oblíquos, a diferença não é tão significativa entre os falantes menos letrados e mais letrados, já que os dados revelaram 15% e 17%, respectivamente. Os dados (26) e (27) exemplificam uma ocorrência de topicalização de sujeito e uma ocorrência de topicalização de oblíquo com manutenção de preposição.

(26) [As crianças]_i acho que _____i tão diferentes hoje em dia. (Garcia, 2014, p. 78)

(27) [Com os da parte da minha mãe]_i não convivi _____i. (Garcia, 2014, p. 78)

Garcia (2014) também constatou que a natureza do tópico mais frequente nas construções de topicalização no PE oral é a de sintagma nominal, podendo ser simples ou complexo, preferência comum tanto na fala dos indivíduos mais quanto menos letrados. O mesmo ocorre em relação à configuração sintática, que apresentou maior frequência em frase raiz, entre os falantes mais e menos letrados, conforme se verifica em (28) e (29).

(28) [A minha primeira mulher]_i conheci _____i em Moscavide. (Garcia, 2014, p. 80)

(29) [Certas expressões que vocês utilizam]_i gosto muito _____i. (Garcia, 2014, p. 80)

Ambos os exemplos acima se apresentam em contexto de frase-raiz, a diferença é que em (28) existe um SN tópico simples: *A minha primeira mulher* estabelece vínculo sintático com o objeto direto no comentário, enquanto que, em (29), o SN tópico é complexo, isto é, o núcleo do SN é modificado por uma oração relativa, e ocorre um topicalização de oblíquo nuclear, com supressão de preposição.

Quanto ao traço de referencialidade do SN nas estratégias de topicalização no PE, verificou-se que o traço [-animado] é predominante, como vemos no exemplo (30).

(30) [esse menu para visitantes]_i você já não podia comer _____i (Garcia, 2014, p. 87)

Nos casos de deslocamento à esquerda, a pesquisa de Garcia (2014) identificou que, entre os brasileiros, estas construções são mais frequentes, correspondendo a 87%, enquanto no PE, a frequência foi de apenas 13%, reunindo 24 dados. Só foram encontrados três dados de DE clítico, listados a seguir.

(31) [a mim]_i o que me_i tem valido é eu ser gênio. (Garcia, 2014, p. 97)

(32) [a mim]_i trabalhar não me_i custa. (Garcia, 2014, p. 97)

(33) [a mim]_i não me_i correu mal (os serviços de saúde). (Garcia, 2014, p. 97)

Em todos os casos acima, há um elevado grau de sintatização, já que o tópico *a mim* é retomado pelo pronome clítico de primeira pessoa *me* em função dativa. No entanto, a função sintática mais recorrente a que o tópico está vinculado no interior do comentário, nos casos de deslocamento à esquerda no PE, foi a de sujeito, entre os mais e menos letrados, conforme se verifica a seguir.

(34) [o iphone que saiu em Portugal]_i [aquilo]_i custa quinhentos euros. (Garcia, 2014, p. 109).

Neste exemplo, o tópico *o iphone que saiu em Portugal* está sendo retomado pelo pronome demonstrativo *aquilo* que exerce função de sujeito no interior do comentário, já que é exigido como argumento externo da forma verbal *custa*.

Garcia (2014) verifica que, nos dados de DE SUJ, a configuração sintática mais frequente, entre os falantes mais e menos letrados, é a de frase-raiz. Quanto à estrutura do tópico e à de seu correferente, o pronome nominativo de primeira pessoa, sendo retomado por um pronome idêntico, é a combinação que mais ocorreu. Vejamos o exemplo (35):

(35) [eu]_i eu_i faria assim. (Garcia, 2014, p. 117)

No exemplo acima, há uma estrutura de frase-raiz, já que a DE SUJ ocorre em período simples, e também se vê o tópico *eu*, pronome nominativo de primeira pessoa, sendo retomado no comentário pelo mesmo pronome.

O trabalho de Tosta (2015) analisa as estratégias de deslocamento à esquerda no PE a partir de uma amostra que reúne 67 peças teatrais escritas por portugueses durante os séculos XIX e XX. Na pesquisa, as peças teatrais são classificadas com base no *continuum* dos gêneros textuais proposto por Marcuschi (2001, 2007), que distribui os gêneros conforme suas características marcantes de oralidade ou de escrita. Seguindo o *continuum*, as peças teatrais foram definidas como um gênero híbrido, visto que são constituídas a partir da mistura entre o meio de produção, sonoro e gráfico, e a concepção discursiva, oral e escrita, o que resulta numa mescla de modalidades.

Tosta (2015) identifica 34 ocorrências de deslocamento à esquerda de tópico pendente, o que corresponde a 19% dos dados encontrados nas peças teatrais. Por outro lado, as

construções de deslocamento à esquerda clítico foram mais frequentes, somando 145 ocorrências, equivalente a 81% dos dados. O trabalho mostra que essa alta frequência pode ser explicada devido ao PE possuir um sistema robusto de clíticos.

Em relação à função sintática a que tópico está vinculado no interior do comentário, especificamente nos dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente, vimos que a função sintática predominante é a de sujeito por apresentar os maiores percentuais nos dois séculos analisados, podendo representar até 80% dos dados da primeira metade do século XX, como mostra o exemplo (36). Em seguida, estão os dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente vinculados às funções de objeto direto e indireto, exemplificadas em (37) e (38), com os seguintes percentuais 35% e 37% somadas, respectivamente, a primeira e a segunda metade do século XIX e XX em relação aos dados de OD. Já na função de OI, os percentuais chegam a 59%, somadas a primeira e a segunda metade do século XIX, e 8% no século XX, com dados correspondentes apenas à segunda metade.

Em relação ao exemplo (38), destacamos que não é um caso DE clítico porque não há entre o tópico e o correferente conectividade casual, já que o tópico é um SN retomado pelo clítico dativo *lhe*.

(36) Pois [a patroa cá de casa]_i, [essa]_i sei eu que se porta bem, posso garantir-lho.
(Tosta, 2015, p. 31)

(37) E [as árvores]_i quem não viu as árvores da minha terra nunca viu [árvores]_i.
(Tosta, 2015, p. 31)

(38) Também há muito banco choco, com a diferença de que [as galinhas]_i, o choco passa [lhes]_i e tornam a pôr, dar dividendos. (Tosta, 2015, p. 31)

A partir dos dados de DE de tópico pendente de sujeito, Tosta (2015) verificou que, em todos os períodos, a estrutura morfossintática mais recorrente é a de tópico SN, retomado frequentemente por um pronome demonstrativo, como se observa em (36).

No que diz respeito à constituição interna do SN, nos dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente, verificamos que ocorre a predominância de sintagmas nominais com margem preenchida. Quanto à configuração sintática da estrutura em que ocorrem tópico e correferente, a recorrência é a de adjacência sintática, como em (39).

(39) [um veículo daquele tamanho]_i, [aquilo]_i é um senhor automóvel. (Tosta, 2015, p. 34)

Neste caso, o núcleo *veículo* possui margem preenchida tanto à esquerda, pelo artigo indefinido *um*, quanto à direita, pelo modificador, em forma de SP, *daquele tamanho*. O mesmo exemplo também é considerado um caso de adjacência sintática em razão do tópico e correferente estarem em um período simples.

Os dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente não se comportaram de forma homogênea no que se refere à referencialidade do SN tópico. Na primeira metade do século XIX e na segunda do século XX, o SN possui, preferencialmente, os traços [-animado] e [+específico], conforme consta em (40); por outro lado, na segunda metade do século XIX e primeira do século XX há uma oscilação entre os traços [+humano, +específico] e [-animado, -específico], como nos exemplos (41) e (42), respectivamente.

(40) Mas [os pianos Sakamura]_i, [esses]_i, já vão amestrados. (Tosta, 2015, p. 35)

(41) [A viscondessa de Pimentel]_i como atura Vossa Excelência [esta arara de conserva]_i. (Tosta, 2015, p. 35)

(42) E [os fantoches teatrais]_i, [esses]_i, podem elevar-se acima dos homens, continuar uma vida independente das intenções do autor. (Tosta, 2015, p. 35)

O trabalho de Tosta (2015) também mostra que, em relação à ocorrência de material interveniente nos dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente, foram identificadas 7 ocorrências, sendo este material de natureza oracional ou adverbial, o que corresponde a 20,5%. Dessa forma, constata-se que a maior parte dos dados não apresenta elementos entre o tópico e o correferente.

No que diz respeito aos dados de deslocamento à esquerda clítico, os resultados mostraram que a função sintática a que o tópico está vinculado no interior do comentário de maior predominância foi a de objeto direto, ou seja, maior frequência de estruturas com o clítico acusativo. Também foram encontrados dados de deslocamento à esquerda clítico exercendo função de objeto indireto, porém com menor frequência.

Assim como nos dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente, os dados de deslocamento à esquerda clítico também apresentaram predominância do tópico como um SN, totalizando 95 ocorrências. Observamos também que, nos casos em que o tópico é um SN, a retomada é feita pelo clítico acusativo (exemplo 43), enquanto nos dados com SP, a retomada é feita pelo clítico dativo (exemplo 44).

(43) [o gin tônico]_i, já [to]_i dei... (Tosta, 2015, p. 39)

(44) E [às mulheres dos meus camaradas]_i sempre [lhes]_i fiz a caridade. (Tosta, 2015, p. 39)

Em relação à constituição interna do tópico SN, o autor mostrou que, apesar de se identificarem dados de tópico SN preenchidos à esquerda e à direita, nos séculos XIX e XX, o que apresentou maior predominância em todos os períodos foram dados preenchidos somente à esquerda, como em (45).

(45) [O diálogo]_i vamos tê-[lo]_i se a Sr.^a D. Luísa estiver de acordo. (Tosta, 2015, p. 41)

O aspecto referencialidade do SN tópico mostrou o predomínio do traço [-animado], podendo os referentes serem [+específico] ou [-específico] tanto no século XIX quanto no século XX, como evidenciam os dados (46) e (47), cujos referentes na posição de tópico são, respectivamente, (+) e (-) específico.

(46) Mas [o seu coração]_i ainda ninguém [o]_i bispou. (Tosta, 2015, p. 41)

(47) [A prudência]_i recomendo-[lha]_i eu, cavalheiro... (Tosta, 2015, p. 41)

Quanto à configuração sintática, foi verificada a recorrência de deslocamento à esquerda clítico em contexto de adjacência sintática, da mesma forma que nos dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente, conforme mostra o exemplo (48), em que tópico e correferente estão no interior de uma oração subordinada completiva de verbo.

(48) E olhe que [os negócios]_i leva-[os]_i a breca muitas vezes. (Tosta, 2015, p. 42)

Os dados de deslocamento à esquerda clítico apresentaram, do total de dados, maior porcentagem de presença de material interveniente entre o tópico e o comentário, sendo as expressões adverbiais a estrutura mais recorrente. Mas, a maioria das construções não apresenta material interveniente, bem como nos dados de deslocamento à esquerda do tópico pendente.

Neste capítulo, buscamos conceituar as estruturas de tópico-comentário e sujeito-predicado. Em seguida, descrevemos as estratégias de tópico-comentário presentes no

Português Europeu e, como fonte de futura comparação, aquelas presentes na escrita do letrado brasileiro. Por fim, fizemos uma síntese de trabalhos anteriores que discutem tais construções com a finalidade de servir como fundamentação para o tema central deste trabalho.

No próximo capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam a construção da nossa análise.

3. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste capítulo, apresentaremos os pressupostos teóricos que embasam a nossa análise. Iniciaremos com a descrição do percurso histórico da formação do português e a consolidação de uma *norma padrão* europeia. Na sequência, abordaremos a Teoria dos Princípios e Parâmetros, com foco no Parâmetro do Sujeito Nulo no PE. Ao final, discutiremos as características do Objeto Nulo no PE e a sua relação com as estruturas de tópico marcado.

3.1 A formação do português e a constituição da norma padrão europeia

Os romanos chegaram à Península Ibérica por volta de 218 a.C. Após derrotarem os cartagineses, inicia-se o processo de ocupação do território. A península foi dividida em Hispânia Citerior e Hispânia Ulterior, cada uma delas com duas províncias, na Hispânia Citerior, Tarraconensis e Gallaetia, e na Hispânia Ulterior, Lusitania e Baetica. Essas regiões já apresentavam diferenças no uso do latim devido à maneira como se deu o processo de romanização, que não foi uniforme. Sendo assim, na Baetica utilizava-se um latim mais conservador, já em Tarraconensis a língua apresentou inovações típicas do latim vulgar.

As diferenças entre o latim falado nas duas regiões agravaram-se ainda mais a partir do momento em que o Império Romano começa a perder a sua centralidade. Assim, alguns fatores históricos contribuíram para que este processo se intensificasse, o primeiro deles foi a invasão germânica, entre os séculos V e VIII, que propiciou o desenvolvimento da variedade românica conhecida como Romance, que, por sua vez, influenciou a constituição do galego e do português.

Em seguida, as invasões árabes e a Reconquista Cristã, ocorridas entre os séculos VIII e XV, foram fatores decisivos para a formação de três línguas peninsulares – o galego-português, o castelhano e o catalão. O contato das línguas românicas com os árabes provocou o efeito de superstrato, isto é, os empréstimos de palavras presentes no português contemporâneo vêm dos árabes. No período da Reconquista, ocorreu a redistribuição política e linguística, sendo responsável por transferir o galego-português, nascido no noroeste da península, para o sul que, aos poucos, começou a ocupar grande parte do território português.

Castro (2013) divide a evolução do português em três períodos, sendo eles o Português Antigo, Português Médio e o Português Clássico. O período correspondente ao Português Antigo entre os séculos XII e XIV inicia-se com o galego-português, registrado, principalmente, nas composições líricas presentes nas cantigas. Contudo, fatores políticos,

como a fundação do Condado Portucalense e a separação do reino de Galiza, levam o galego e o português a se desvincularem, de modo que a língua galega sofreu influência do castelhano, depois da inserção do reino de Leão na Coroa de Castela. Dessa forma, fixou o estabelecimento tanto de uma fronteira política quanto de uma fronteira linguística.

Ao longo do século XV temos o Português Médio. Nesse período, acontecem diversas mudanças condicionantes na língua devido à transferência do foco político para o Sul, o que gera modificações na sociedade, favorecendo a expansão do português e a concretização de uma norma. O Português Médio caracteriza-se, portanto, como o divisor entre a língua da Idade Média e a do Período Clássico.

É no Português Clássico, datado do século XVI ao XVIII, que a língua portuguesa alcança o auge da sua propagação com a expansão marítima, que fez o português ser utilizado como instrumento de comunicação entre outras culturas. Neste momento, a língua portuguesa é extremamente valorizada e estudada, principalmente, devido à influência da literatura clássica e ao desenvolvimento da imprensa, o que favoreceu o surgimento das primeiras gramáticas que iniciaram o processo de normatização da língua portuguesa.

Historicamente, a *norma padrão* europeia tem a sua origem no final do século XV na Europa, motivada pela necessidade política de centralização linguística nos Estados Centrais. A política centralizadora agiu para que fosse constituído um instrumento linguístico padronizador, ou seja, uma língua modelo, de modo que o seu uso colaborasse com a redução das diversidades linguísticas nos Estados Centrais. Contudo, esta não é a norma do Português Moderno. Esta se constitui ao longo do século XIX, como mostra o estudo de Pagotto (2013).

Antes, porém, cabe aqui definirmos a *norma*. O conceito de *norma*, segundo Faraco (2008), traduz-se no conjunto de fenômenos linguísticos que são considerados comuns, usuais e corriqueiros em uma determinada comunidade de fala. Logo, ela deve ser entendida a partir da concepção de normalidade, o que significa dizer que a *norma* está diretamente relacionada a um uso habitual feito por certa comunidade de fala.

Para falarmos da constituição do Português Moderno temos como base o trabalho de Pagotto (2013). A sua pesquisa constrói uma comparação entre dois textos que foram escritos no início e no final do século XIX, respectivamente, a Constituição do Império de 1824 e a Constituição da República de 1891. A partir deles, o autor faz uma análise quantitativa de diferentes fenômenos linguísticos do Português Europeu, constatando as mudanças ocorridas nos padrões normativos.

Pagotto (2013) acredita que o fato de se tratar de dois textos que fazem parte do mesmo domínio discursivo, o grau de monitoramento no uso da língua é o mesmo para

ambos. Seu estudo evidenciou que cada constituição foi escrita seguindo uma *norma* diferente. Primeiramente, a sua análise, mostrou que, em relação aos clíticos, a constituição do Império tinha uma preferência pelo uso da próclise, já a constituição da República, pelo uso da ênclise.

O autor também encontrou diferenças no que diz respeito ao uso de preposições nas construções relativas. Na constituição do Império, foram encontrados dados em que a preposição na sentença relativa foi suprimida. Por outro lado, na constituição da República, não houve nenhuma ocorrência de supressão da preposição.

Outra estrutura verificada foi o apagamento da preposição nas construções de completivas nominais. Mais uma vez, as duas constituições apresentaram divergências, visto que a do Império revelou alternância no emprego da preposição nas completivas nominais, já a da República, a preposição estava sempre presente.

Além disso, a pesquisa observou diferenças no uso do relativo *onde* em estruturas que pedem a regência da preposição *a*. Na constituição do Império, em todos os casos, predominou o uso da forma *aonde*. Na constituição da República, a preferência foi pelo uso da forma *onde*.

Por fim, também se verificou a modificação no quadro das preposições em razão das substituições das preposições *em*, *por* e *para* utilizadas pela constituição do Império, pela preposição *a* na constituição republicana. Logo, todos esses processos apontados por Pagotto (2013) evidenciaram a transposição de uma *norma* para outra, ou seja, as modificações ocorridas nas duas constituições refletem as mudanças que ocorreram no português europeu e que foram incorporadas como *norma* no PE ao longo do século XIX, consolidando assim o Português Moderno.

Sendo assim, Pagotto (2013) constatou que tais diferenças serviram para comprovar que as constituições, apesar de serem escritas no mesmo século, foram baseadas em *normas* distintas. A primeira, a constituição do Império, seguia a norma do português clássico, já a constituição da República, a norma do português moderno. O autor pontua que muitas dessas mudanças foram condicionadas devido à visão de que certas formas presentes na constituição do Império eram consideradas inferiores e mais próximas da fala popular, por isso, não seria mais adequado utilizá-las na escrita da República.

Portanto, verificamos que, durante o século XIX, houve a consolidação de uma nova *norma padrão* europeia, descrita nas gramáticas do Português. É esta norma que tomamos como referencial para a investigação das construções de tópico marcado na escrita do letrado português.

3.2 Teoria de Princípios e Parâmetros

A Teoria Gerativa foi pensada por Noam Chomsky em meados do século XX e apresentou conceitos que eram contrários aos defendidos pelo modelo estruturalista. O gerativismo defende que em todas as línguas humanas é possível criar e compreender um número infinito de expressões linguísticas a partir de um conjunto limitado de elementos linguísticos. Por isso, para o modelo gerativista, o léxico e as regras computacionais são os dois conceitos basilares presentes na linguagem humana. O primeiro é responsável por armazenar as unidades mínimas da língua, o segundo refere-se ao domínio da sintaxe, isto é, à aplicação de regras sobre o léxico para gerar inúmeras sentenças gramaticais inéditas.

Segundo a teoria, todo ser humano é dotado biologicamente de uma predisposição inata para desenvolver a linguagem, esse componente é conhecido como Gramática Universal e corresponde ao estágio inicial do processo de aquisição da linguagem; portanto, a GU é vista como uma propriedade do cérebro humano. Essa Gramática Universal é formada por dois conjuntos de informações, denominadas Princípios e Parâmetros.

A Teoria dos Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981) estabelece que os Princípios são universais e comuns a todas as línguas e, por isso, responsáveis pelas semelhanças que elas apresentam, já os Parâmetros são variáveis e se relacionam à experiência do indivíduo com a sua Língua-E, logo servem para estabelecer as diferenças entre as línguas.

Um dos Princípios estabelecido pela GU é a de que em todas as línguas humanas deve existir um sujeito gramatical. Contudo, apenas algumas línguas aceitam construções com a omissão do sujeito, configurando uma língua que marca positivamente esse parâmetro. Assim, as línguas podem ser [+sujeito nulo], quando aceita a omissão, ou [-sujeito nulo], quando não aceita a omissão. Isso é o que podemos verificar nos exemplos a seguir, do português (49) e do inglês (50).

(49) Eu estudo linguística. (Kenedy, 2013, p. 99)

Ø estudo linguística.

(50) I study linguistics. (Kenedy, 2013, p. 99)

*Ø study linguistics.

O Português Europeu é uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. Mateus *et al.*, 2003). Por outro lado, vemos que, no Inglês, estruturas em que o

sujeito não está expresso são consideradas agramaticais e, por isso, é uma língua que marca negativamente o Parâmetro do Sujeito Nulo.

A caracterização das construções de tópico marcado e a frequência das estratégias nas diferentes línguas têm se revelado um efeito colateral do comportamento dos sistemas em relação à marcação do Parâmetro do Sujeito Nulo e ao licenciamento do objeto nulo. Assim, línguas como o PE, que preferem, por um lado, a omissão do sujeito e, por outro, a representação lexical do objeto por meio do clítico, terão, em relação ao deslocamento à esquerda e ao tópico pendente com retomada, poucos dados de deslocamento à esquerda de sujeito e de tópico pendente com retomada nessa posição sintática, mas maior frequência de deslocamento à esquerda de objeto ou tópico pendente com retomada nessa posição sintática. Quanto à topicalização, parece que o movimento do objeto para a posição de tópico é bastante comum entre os portugueses, sendo um dos contextos que favorecem o objeto nulo.

Nas subseções seguintes discutiremos mais detalhadamente o comportamento do PE em relação tanto ao Parâmetro do Sujeito Nulo, quanto aos contextos de licenciamento de objeto nulo.

3.2.1 O Parâmetro do Sujeito Nulo no PE

O Português Europeu é uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo, e esta preferência pode ser verificada nas três pessoas gramaticais, conforme afirmam Duarte, Freire e Vasco (2003). Os dados em relação ao sujeito nulo de referência definida no PE evidenciam para 1ª, 2ª e 3ª pessoas, respectivamente, uma frequência de 65%, 76% e 79%. Abaixo apresentamos um exemplo para cada pessoa gramatical.

(51) Hoje Ø gostava de ser magistrado, porque Ø estou convencido que Ø talvez evitasse mais injustiças como magistrado do que as que Ø posso evitar como advogado. (Duarte; Freire; Vasco, 2003, p. 254)

(52) Por exemplo, nesse trabalho que Ø apresentou sobre poesia, Ø é capaz de me dizer o que é que Ø aproveitou do contato com os alunos? (Duarte; Freire; Vasco, 2003, p. 254)

(53) Por exemplo, aqui pretende-se que o homem da serralheria, o homem da carpintaria_i faça uma requisição sempre que Ø_i precise de matéria. Simplesmente o indivíduo quando Ø_i precisa duma bilha ou duma chapa tem de ir buscar um livro de requisições e, com

as mãos cheias de óleo, pegar numa caneta que Ø_i não traz no bolso... (Duarte; Freire; Vasco, 2003, p. 254)

O trabalho de Duarte (2007), que analisa a representação do sujeito de referência definida e arbitrária em sentenças finitas, encontra resultados que vão ao encontro do trabalho mencionado no parágrafo acima. A autora constata uma baixa frequência do PE em utilizar sujeitos expressos de terceira pessoa tanto na língua oral quanto na língua escrita. Antes de sintetizarmos os resultados, vamos diferenciar sujeito de referência definida e sujeito de referência arbitrária.

O sujeito de referência definida é aquele que pode ser considerado como determinado, isto é, um sujeito que é facilmente identificado, podendo estar ou não expresso na oração. Conforme mostram os exemplos (54) e (55).

(54) E quando, doze anos depois da sua morte, [os herdeiros]_i quiseram recuperar o seu corpo e transladá-lo do cemitério do hospício, Ø_i não encontraram os seus restos mortais. (Duarte, 2007, p. 8)

(55) Pode reconhecer-se que [MRS]_i aproveitou aqui e ali para atacar políticos que [ele]_i acha desqualificados. (Duarte, 2007, p. 8)

Em (54), temos um exemplo de sujeito de referência definida não expresso e em (55), sujeito de referência definida expresso.

O sujeito de referência arbitrária é caracterizado pela sua indeterminação, isto é, quando não há uma referência definida a uma pessoa no contexto discursivo, seja pelo desconhecimento, seja pela falta de interesse em identificá-lo. Ele também pode estar expresso ou nulo. O exemplo (56) traz um sujeito nulo, com verbo na 3ª pessoa do plural.

(56) Eis que a breve meditação já está a ser interrompida; Ø_i põem à frente de Saramago um jovem artista sueco com dois metros de altura e cabelos negros espetados em forma de pequenas pirâmides. (Duarte, 2007, p. 19)

A pesquisa de Duarte (2007) mostra que, nos dados relacionados à oralidade, os índices para a 3ª pessoa do singular e do plural para sujeitos de referência definida expressos correspondem a 28% e 26%, respectivamente. Para a escrita padrão, o sujeito expresso de referência definida, reunindo os dados de terceira pessoa do singular e do plural, revela uma

frequência de 7%. Assim, os resultados, para ambas as modalidades, confirmam a preferência do PE pelo sujeito nulo.

No que diz respeito aos sujeitos de referência arbitrária na fala, a pesquisa evidencia, no PE, o uso do “se” como a estratégia de maior frequência, representando 38% dos dados, como exemplificado em (57).

(57) Se gostou uma vez de uma coisa, tem que **se**_i continuar fiel àquele estilo. (Duarte, 2007, p. 15)

Em seguida, estão, em ordem decrescente, o uso de “eles”, “a gente”, “nós” e “você”, estando eles expressos ou nulos, com os valores de 22%, 20%, 14% e 6%, respectivamente, conforme exemplificados abaixo.

(58) Ø_i Não falavam em tapeçaria nessa altura; Ø_i só se referem a uns leves trabalhos, Ø_i nem sequer Ø_i dizem a palavra bordado. (Duarte, 2007, p. 16)

(59) Mas a gente_i pode ter a sua formação política, até séria e consciente. Agora, quando em atividade artística Ø_i quer criar e quer erguer problemas humanos com certa profundidade, Ø_i tem que erguer aqueles que Ø_i conhece... (Duarte, 2007, p. 16)

(60) Outras vezes até Ø_i vamos reajustar o nosso gosto. Às vezes até falta de conhecimentos. Depois Ø_i contactamos com pessoas que têm até melhor gosto do que nós, que são indivíduos sensíveis (...) e Ø_i aprendemos. (Duarte, 2007, p. 16)

(61) [Você]_i é um encarregado. Ø_i É um indivíduo que pretende que o serviço se faça. Tudo aquilo que travar a sua atividade e a prejudicar incomoda-o se Ø_i for responsável, se tiver Ø_i brio profissional. Claro, Ø_i podia perfeitamente não ligar peva. (Duarte, 2007, p. 15)

Nos dados da escrita, os sujeitos de referência arbitrária também apresentam o uso do “se” como principal estratégia de indeterminação, como em (62), alcançando 69%. Na sequência, está o uso dos pronomes “nós”, com frequência de 27%, conforme (63), e “eles” com 4%, já exemplificado em (56). Não foram encontrados dados de estratégias de indeterminação com “você” e “a gente” na escrita padrão do PE.

(62) Neste tempo onde **se** anuncia a morte das utopias, parece-me evidente que Santana é bastante mais utópico do que Sócrates. (Duarte, 2007, p. 18)

(63) Ø_i Vivíamos, portanto, atrasados ou adiantados, dependendo do saber de quem lia o relógio ou das vontades incontroláveis da natureza. (Duarte, 2007, p. 18)

Em Duarte (2008), deparamo-nos com a análise do sujeito de referência indeterminada no Português Europeu em sentenças infinitivas pertencentes às modalidades oral e escrita. Os resultados mostram que a representação do sujeito nulo é a estratégia com maior ocorrência, já que, em relação à fala (exemplo 64), o PE alcança índices de 91% e, na escrita (exemplo 65), a frequência chega a 94%. A segunda é a representação do sujeito pelo clítico “se” (exemplo 66), com frequência de 8% para a fala e 6% para a escrita (exemplo 67). É encontrado apenas um dado na fala com o “a gente”, transcrito em (68). Não foram identificadas ocorrências de “você” em ambas as modalidades.

(64) A nora desses amigos da Manuela levou-nos a conhecer Brasília inteira que também é muito fácil Ø_{arb} conhecer porque aquilo é tudo tão organizadinho que basta Ø_{arb} conhecer um fragmento para se perceber bem como é que funciona tudo. (Duarte, 2008, p. 19)

(65) Para Ø_{arb} ver o ânulo é preciso Ø_{arb} estar numa estreita faixa de centralidade que atravessa o norte de Portugal Continental, vinda da Galiza. (Duarte, 2008, p. 22)

(66) É uma das cidades que tem o melhor, melhor é, padrão de vida, ou seja uma das melhores cidades do mundo pra se morar. (Duarte, 2008, p. 19)

(67) É preciso estar-se muito imerso na vida terrena para não se ter reparado ainda no que se tem passado na vida celestial. (Duarte, 2008, p. 22)

(68) Portanto se calhar melhor **a gente** saber tudo porque se faz tudo na mesma. (Duarte, 2008, p. 20)

A predominância do sujeito nulo evidencia o quanto fala e escrita se comportam de forma semelhante no Português Europeu. Sendo assim, constatamos que o PE é uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo, em ambas as modalidades.

3.2.2 O Objeto Nulo no PE

Freire (2011) investiga o fenômeno variável da representação do objeto anafórico de terceira pessoa, na modalidade escrita do Português Europeu e do Português Brasileiro, com o objetivo de identificar as diferenças entre o PB e o PE, no que diz respeito à gramática do letrado.

As amostras do PB e do PE reúnem diferentes gêneros textuais, entre eles tiras, histórias em quadrinhos, crônicas, reportagens, entrevistas transcritas, editoriais, críticas de livros ou filmes e artigos de opinião. Para a amostra do PB, os textos foram publicados no *Jornal do Brasil* e *O Globo*, em gibis da *Turma da Mônica* e da *Disney*, produzidos entre os anos de 1995 e 2004. Em relação à amostra do PE, os textos são do *Diário de Notícias*, *Expresso*, *Público* e de gibis da *Disney*, produzidos entre os anos de 1998 e 2004.

Os gêneros textuais de cada amostra foram distribuídos pelo contínuo oralidade-letramento, proposto por Bortoni-Ricardo (2005). Este contínuo posiciona, em um dos extremos, os gêneros [+monitorados] e, no extremo oposto, aqueles gêneros que apresentam características da fala. Sendo assim, Freire (2011) distribui os gêneros em três grupos no contínuo, como se verifica a seguir.

a) Grupo I: [+ ORALIDADE/ – LETRAMENTO]: tiras e histórias em quadrinhos;

b) Grupo II: [+ ORALIDADE/ + LETRAMENTO]: crônicas, trechos de fala transcrita em reportagens e entrevistas transcritas;

c) Grupo III: [– ORALIDADE/ + LETRAMENTO]: reportagens, editoriais, críticas de livro ou filme e artigos de opinião.

Em relação à representação do objeto anafórico, as pesquisas acadêmicas apresentam quatro diferentes estratégias de realização do objeto direto: o clítico, o pronome lexical, o SN anafórico e o objeto nulo. O quadro a seguir exibe os resultados encontrados por Freire (2011), no que se refere à distribuição das estratégias de realização de OD nas duas variedades do português.

	Clítico		Pron. Lexical		SN anafórico		Objeto Nulo	
PB	189/406	47%	32/406	8%	58/406	14%	127/406	31%
PE	282/366	77%	—	—	40/366	11%	44/366	12%

Quadro 1: Frequência das variantes em função acusativa, segundo a variedade do português.

No PE, foco dessa monografia, o clítico representa 77% dos casos. Assim, embora o PE apresente, na escrita, a representação do objeto anafórico por um SN anafórico ou um objeto nulo, essas estratégias não apresentam uma frequência expressiva, visto que somadas representam apenas 23%. Sendo assim, a taxa do ON é relativamente baixa no Português Europeu, alcançando apenas 12%.

Raposo *et al.* (2013) afirma que, do ponto de vista discursivo, o complemento direto omitido, nas construções de ON, tem relação com as estruturas de topicalização (uma das estratégias de construção de tópico marcado). Tal relação é verificada em razão de, na estrutura de topicalização, o referente omitido estar no sintagma tópico, posicionado na fronteira esquerda da sentença. Por isso, este contexto é favorecedor do complemento nulo no Português Europeu, conforme exemplificado em (69).

(69) A- E os óculos?

B(a): Os óculos_i, o Pedro guardou_____i na gaveta.

B(b): O Pedro guardou [-] na gaveta. (Raposo, 2013, p. 2346)

Embora exista um paralelo entre as construções, elas se diferenciam na realização fonética, isto é, na topicalização, em (Ba), o tópico, retomado na categoria vazia, está expresso foneticamente na oração. Já na construção (Bb), o tópico não possui realização fonética, mesmo que seja recuperado pelo discurso ou pela situação.

Segundo os linguistas, no Português Europeu, a preferência no registro formal, oral ou escrito, é pela realização do complemento direto com a forma de um pronome clítico, como no exemplo (70), o que explica os resultados de Freire (2011).

(70) A – Não sei como aguentas ver *esse filme*_i?

B – Até nem *oi* acho mau de todo. (Raposo, 2013, p. 2339)

Esta predominância pode ser explicada devido ao PE possuir um sistema robusto de clíticos, o que favorece a sua presença como principal estratégia de representação do complemento verbal acusativo ou dativo. (cf. Duarte, Freire, Vasco, 2003). Esse comportamento está diretamente relacionado às construções de deslocamento à esquerda de complemento e de tópico pendente com retomada na posição de complemento, como já dissemos no início desse capítulo.

Raposo *et al.* (2013) descreve as propriedades semântico-discursivas das construções com objeto nulo. A primeira delas é o ON ser preferencialmente um SN definido, conforme apresentado no exemplo (69). Contudo, para além desta forma, existem outras possibilidades, como a de se omitir o objeto direto de sintagmas nominais indefinidos, em (71), sintagmas nominais quantificados, em (72), e sintagmas nominais reduzidos simples, em (73).

(71) A- No teu sonho, viste *um unicórnio*_i onde?

B- Vi ____i no meu jardim. (Raposo, 2013, p. 2344)

(72) A- Encontraste *muitas conchas*_i?

B- Encontrei ____i num baú que estava esquecido no sótão. (Raposo, 2013, p. 2344)

(73) A- Compraste *café*_i?

B- Comprei ____i na loja que está a fazer uma promoção arábica. (Raposo, 2013, p. 2345)

Outra característica que é ressaltada pelos autores é o traço de animacidade do antecedente do ON. Quando o antecedente está no mesmo período do ON e o traço semântico do antecedente é [+animado], existe maior possibilidade de a estrutura ser considerada agramatical, como em (74). Contudo, nos casos em que o antecedente do ON possuiu o traço [-animado], a frase é aceitável e, portanto, plenamente gramatical, conforme mostra o exemplo (75).

(74) *Quando encontro *o Pedro*_i, beijo ____i com ternura. (Raposo, 2013, p. 2345)

(75) Se achas que *esse livro*_i é chato, eu não compro ____i para Maria. (Raposo, 2013, p. 2345)

No entanto, o traço de animacidade do antecedente não interfere nas estruturas em que a identificação do referente do ON é retomada pelo contexto situacional em que a oração está inserida, como em (76).

(76) B- E a Ana_i?

A- Encontrei ontem ____i na exposição da Paula Rego. (Raposo, 2013, p. 2345)

O segundo contexto se refere aos casos em que a omissão do complemento direto ocorre em orações relativas ou em orações adverbiais, que são consideradas estruturas de ilhas fortes, já que apresentam muitas restrições para diferentes processos gramaticais, principalmente, o movimento sintático. Por isso, construções de ON nestas estruturas criam resultados considerados agramaticais no PE, como em (77). Essa restrição nos interessa, já que sugere que não encontraremos dados de topicalização de objeto quando este estiver no interior de uma ilha forte.

(77) *O João deu *esse livro*_i à mulher ontem e tenho outro amigo [Or. rel. que deu ____i à namorada anteontem] (Raposo, 2013, p. 2341)

Apesar de a maioria dos falantes portugueses rejeitarem a ocorrência de ON em contextos de ilhas sintáticas, há falantes do PB e PE que aceitam o ON desde que o constituinte omitido não seja animado, como em (78).

(78) A- E então, *o carro novo*_i?

B- A minha mulher está furiosa porque comprei ____i sem ela saber. (Raposo, 2013, p. 2345)

(aceito no PE e PB)

Raposo (2013) também enfatiza que o complemento direto omitido precisa ser claramente recuperável no discurso ou na situação. Desse modo, o ON deve sempre estar ligado a uma informação dada, disponível e acessível. Em (79), o complemento direto do verbo *guardar* não pode ser omitido, já que novos elementos foram inseridos, mas em (80) é aceitável a omissão do objeto direto.

(79) *O Pedro tirou *os óculos*_i. Foi buscar um livro e fazer um café. Ligou a televisão e, finalmente, guardou ____i na gaveta. (Raposo, 2013, p. 2346)

(80) O Pedro tirou *os óculos*_i e guardou ____i na gaveta. (Raposo, 2013, p. 2346)

Segundo Kato (2011), há estruturas de tópico marcado não previstas para o PE: a primeira delas ocorre quando o tópico está fora da subordinada e o correferente nulo no interior da subordinada, na função de objeto, como nos exemplos (81) e (82).

(81) *O **José**_i sabe-se que a Maria gostaria de conhecer Ø_i melhor. (Kato, 2011, p. 16)

(82) **Esse prato**_i exige-se que o cozinheiro acabe de preparar Ø_i na mesa. (Kato, 2011, p. 16)

Em (81) a construção é considerada agramatical, pois existe uma restrição de animacidade para a ocorrência do objeto nulo. Isso é gerado porque a categoria vazia, que se encontra dentro da subordinada em função de objeto, possui como referente um sujeito

[+animado]. Por outro lado, não há restrição para esse mesmo tipo de estrutura, se o correferente nulo tiver como antecedente um sujeito [-animado], como (82).

Segundo Kato (2011), não são gramaticais no PE dados de deslocamento à esquerda em que o tópico é argumento do nome, conforme verificamos em (83). Porém, quando o tópico é retomado por uma categoria vazia, o PE licencia, como no exemplo (84).

(83) ***Esse carro**_i, o pneu dianteiro **dele**_i está furado. (Kato, 2011, p. 17)

(84) **Esse carro**_i, o pneu dianteiro \emptyset _i está furado. (Kato, 2011, p. 17)

No exemplo (83), observamos uma construção considerada agramatical, porque o tópico *esse carro* tem como correferente o possessivo forte *dele*, funcionando como complemento do nome. Contudo, em (84), não há restrições, já que é permitido topicalizar complemento de nome.

4. METODOLOGIA

Neste capítulo, visamos apresentar os procedimentos metodológicos escolhidos para o desenvolvimento do trabalho. Na primeira seção, descrevemos o tipo de pesquisa e as formas da sua construção. Em seguida, apresentamos a amostra e situamos o gênero artigo de opinião dentro do contínuo de monitoração estilística com base em Bortoni-Ricardo (2005). Por fim, apontamos os aspectos linguísticos estudados e descrevemos nossos objetivos e hipóteses.

4.1 Tipo de pesquisa

Neste estudo, realizamos uma pesquisa do tipo básica, já que a finalidade é gerar conhecimentos e compreensões amplificadas a respeito das diferentes estratégias de tópico-comentário presentes na escrita do letrado português, contribuindo para os avanços científicos nesta área. A análise feita é de caráter empírico, que se baseia na observação dos dados coletados e posterior interpretação sistemática dos resultados. O método de análise adotado foi o quali-quantitativo, visto que, primeiramente, selecionamos os aspectos linguísticos de natureza morfosintática e semântica para a descrição das estratégias de tópico comentário, a fim de formular generalizações acerca da manifestação dessas estruturas na escrita do letrado português.

A pesquisa se desenvolve conforme as seguintes etapas:

- (I) Constituição da amostra;
- (II) Coleta das construções de tópico-comentário presentes na amostra;
- (III) Definição dos aspectos linguísticos;
- (IV) Análise quantitativa dos dados coletados;
- (V) Sistematização dos resultados e associação destes às hipóteses previamente levantadas.

4.2 A amostra

A amostra constitui-se de 254 artigos de opinião publicados nos jornais portugueses *online Público* e *Diário de Notícias*, escritos por diferentes articulistas no período compreendido entre 2009 e 2019.

O *Público* é um jornal matutino fundado em 1990 e tem como diretor atual o jornalista Manuel Carvalho. A sua primeira edição *online* ocorreu em 1995; é um jornal de linha

editorial europeísta e, atualmente, possui duas sedes, localizadas em Lisboa e no Porto. Em relação à tendência política, o *Público* apresenta-se de maneira menos conservadora, com leves inclinações para a esquerda.

Do total de 254 artigos de opinião presentes na amostra, 143 foram selecionados do jornal *Público*, escritos pelos seguintes articulistas: Ana Rita Ferreira, Catarina Rodrigues, Esther Mucznik, Faranaz Keshavjee, Francisco Assis, Francisco Teixeira Mota, Frei Bento Domingues, Helena Matos, João Carlos Espada, José Manuel Fernandes, José Vitor Malheiros, José Queirós, Miguel Esteves Cardoso, Miguel Mota, Paulo Trigo Pereira e Pedro Lomba.

O *Diário de Notícias* também é um jornal matutino e teve a sua fundação em 1864, sendo, portanto, um jornal centenário, com sede da redação situada em Lisboa. Tem como atual diretor o jornalista José Júdice. Em junho de 2018, o jornal passou a ser publicado em papel, apenas aos domingos, podendo ser acompanhado *online* pelos seus assinantes. Teve o seu regresso diário às bancas em dezembro de 2020. O *Diário de Notícias* segue uma linha generalista, sem focar em assuntos específicos, característica que se opõe aos jornais de linha especializada.

Fazem parte da constituição da amostra 111 artigos de opinião pertencentes ao *Diário de Notícias*, escritos pelos seguintes articulistas: Bernardo Pires de Lima, Viriato Soromenho-Marques, Maria Antónia de Almeida Santos, António Araújo, Margarida Balseiro Lopes, Maria do Rosário Pedreira, Adolfo Mesquita Nunes, Pedro Marques Lopes, Fernanda Câncio, Ferreira Fernandes, João Taborda da Gama, Rogério Casanova, João Lopes, Anselmo Borges, Pedro Lains e Nuno Carneiro.

De ambos os jornais há articulistas homens e mulheres, todos com formação em nível superior, em áreas diversificadas do conhecimento, como Direito, Comunicação Social, Engenharia, Jornalismo, Filosofia entre outras formações académicas.

4.3 O gênero textual artigo de opinião e o contínuo de monitoração estilística

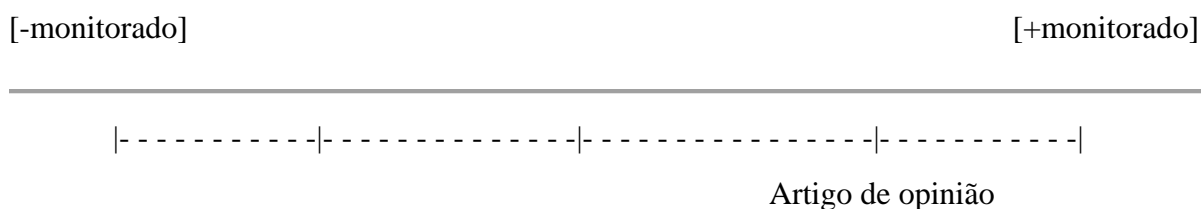
Os gêneros textuais são definidos por Marcuschi (2008) como fenômenos históricos que estão diretamente ligados à vida cultural e social dos indivíduos. Eles surgem em razão da necessidade das atividades socioculturais e do relacionamento com as mudanças tecnológicas, sendo, portanto, maleáveis e dinâmicos. Novos gêneros textuais, orais ou escritos, expandem à medida que as sociedades evoluem; sendo assim, devem ser descritos principalmente por suas diferentes funções comunicativas, cognitivas e sociais.

Segundo Galvão e Duarte (2018), o gênero textual artigo de opinião caracteriza-se por fazer parte da esfera jornalística escrita, podendo ser impresso ou multimidiático, e costuma ser publicado nas páginas de jornais. Normalmente, a produção dos artigos de opinião é feita por pessoas que não pertencem ao meio jornalístico, mas são convidadas pelo jornal para apresentar suas opiniões a respeito de determinada temática presente na atualidade.

O objetivo deste gênero é apresentar um ponto de vista em relação a um assunto específico; por isso, a sua estruturação é construída com o propósito de convencer o leitor a aderir às ideias expostas no texto. Para que isso seja possível, a argumentação é o ponto fundamental para a construção de um artigo de opinião, visto que é necessário o desenvolvimento de sequências argumentativas para que o leitor seja influenciado.

Neste estudo, interessa-nos o artigo de opinião por ser ele um gênero representativo da escrita culta monitorada, conforme o *continuum* proposto por Bortoni-Ricardo (2005). A autora define o *continuum* de monitoração estilística como “o grau de atenção e de planejamento conferidos pelo falante à sua interação” (Bortoni-Ricardo, 2005, p. 41), que pode variar a depender da acomodação do falante em relação às particularidades dos seus interlocutores.

Neste *continuum*, os textos em que há menor atenção às regras prescritas pela norma padrão são considerados [-monitorados]³ e, por isso, estão localizados na extremidade mais à esquerda do *continuum*. Por outro lado, os textos constituídos a partir de um planejamento cuidadoso de escolhas linguísticas que atendam às regras da norma padrão estão situados à direita do *continuum*, conferindo a eles a característica de [+monitorado]. Sendo assim, com base em Bortoni-Ricardo (2005), o gênero artigo de opinião está disposto da seguinte maneira⁴:



O gênero textual artigo de opinião encontra-se posicionado no *continuum* como um

³ Aqui usamos [-monitorado] não no sentido informal, mas no sentido de permitir a inserção de formas linguísticas inovadoras por haver menor preocupação com a norma padrão.

⁴ O posicionamento do gênero artigo de opinião na extremidade mais à direita do *continuum* decorre de seu comportamento em relação aos demais gêneros que compuseram a amostra da pesquisa coordenada pela minha orientadora, da qual esta monografia constitui um recorte. Os demais pontos do *continuum* são preenchidos pelos outros gêneros estudados na pesquisa, a saber: carta ao leitor, reportagem, crônica e editorial. Desta forma, somente o gênero editorial foi considerado [+monitorado] em relação ao artigo de opinião.

texto [+monitorado], isso porque entendemos que seja produzido com maior grau de monitoração estilística, já que existe uma preocupação por escolher formas linguísticas licenciadas pela norma padrão lusitana.

4.4 Os aspectos linguísticos estudados

Os aspectos linguísticos selecionados para análise morfossintática e semântica dos dados são descritos a seguir. É importante explicar que a análise das estratégias é feita individualmente porque elas não são variantes de um único fenômeno linguístico. Em outras palavras, embora tenhamos optado por uma análise quantitativa, com o objetivo de delinear futuras generalizações acerca do nosso objeto de estudo no PE, não estamos realizando um estudo variacionista, nos moldes da Sociolinguística Laboviana.

(i) Natureza da locução prepositiva: esse aspecto foi selecionado para que pudéssemos listar todas as locuções prepositivas que são utilizadas para introduzir um tópico na escrita do letrado português. Segundo Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013), a locução prototípica é *quanto a*, como ilustrado no exemplo (4), mas encontramos várias outras não previstas pelas gramáticas portuguesas.

(ii) Função sintática a que o tópico está vinculado no interior do comentário: esse aspecto foi considerado para todas as estratégias identificadas na nossa amostra, com exceção do tópico pendente, isto é, o tópico que estabelece com o comentário apenas um vínculo semântico. Com este grupo, pretendemos identificar a qual função sintática o tópico se encontra sintaticamente vinculado, em cada uma das estratégias de tópico marcado.

(iii) Referencialidade do SN tópico: esse aspecto foi considerado para a análise das estratégias de topicalização, de deslocamento à esquerda e de tópico pendente com retomada. Contemplamos, nesse aspecto, os traços semânticos de animacidade e de especificidade. Quanto à animacidade, o SN pode ser [+animado] ou [-animado] e, quanto à especificidade, ele pode ser [+específico] ou [-específico]. Esse aspecto nos interessa, pois desejamos averiguar se existe alguma restrição semântica para o SN tópico na escrita do português letrado.

(iv) Presença x ausência de preposição: esse aspecto morfossintático refere-se aos dados de

topicalização de oblíquo nuclear, objeto indireto e complemento nominal. Nosso objetivo, com esse aspecto, é observar se ocorre supressão de preposição do tópico na escrita do letrado português, já que, no PB, encontramos alguns poucos dados. (cf. Orsini, 2020)

(v) Configuração sintática da construção em que ocorrem tópico e correferente: este aspecto sintático foi incluído em virtude das restrições que são descritas por Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013) para as estratégias de tópico-comentário. Essas restrições serão discutidas no próximo capítulo dessa monografia.

4.5 Os objetivos e as hipóteses

A pesquisa tem como objetivos (a) investigar se há (ou não) construções de tópico marcado na escrita de portugueses letrados ao produzirem artigos de opinião e (b) descrever as características morfossintáticas e semânticas das estratégias encontradas.

Nossas hipóteses são as seguintes:

- (i) Encontraremos poucos dados de construções de tópico marcado, já que, segundo Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013), essas estruturas são mais comuns na fala e apresentam restrições, que serão descritas no próximo capítulo.
- (ii) Acreditamos que, dentre as estratégias de tópico marcado, a mais frequente seja a topicalização, já que esta se confunde com um recurso estilístico do autor (a chamada inversão). No que diz respeito à função sintática, é provável que exista maior frequência de topicalização de objeto direto, pois, nessa construção, a referência do constituinte omitido é expressa pelo tópico, que ocupa a posição inicial de oração.
- (iii) Não encontraremos construções de tópico pendente introduzido por SN ou de deslocamento à esquerda de tópico pendente já que o PE é uma língua [+ sujeito Nulo] (cf. capítulo 3).

5. DESCRIÇÃO DOS RESULTADOS

Neste capítulo, apresentamos as estratégias de construção de tópico marcado encontradas em nossa amostra e descrevemos suas características morfossintáticas e semânticas.

5.1 As construções de tópico marcado na escrita do letrado português

Foram encontradas, no gênero textual artigo de opinião, as seguintes estratégias: tópico pendente; topicalização; deslocamento à esquerda clítico e tópico pendente com retomada. Não foram encontrados dados de deslocamento à esquerda de tópico pendente, o que já era esperado, já que, nesse tipo de construção, há um constituinte à esquerda da sentença, normalmente um SN, que encontra um correferente expresso no comentário, como vimos nos exemplos (6), (7) e (8) do capítulo 2. Como o artigo de opinião se configura em um gênero [+monitorado], entendemos que dados desse tipo podem ocorrer na fala, mas não parecem ser licenciados pelo letrado português, na modalidade escrita culta.

O quadro 2 apresenta o número de ocorrências de cada estratégia de construção de tópico marcado no PE escrito. A ausência de distribuição percentual justifica-se pelo fato de não estarmos lidando com um fenômeno variável, como explicado no capítulo de metodologia.

Construções de tópico marcado	Número de ocorrências
Tópico pendente	33
Topicalização	22
Tópico pendente com retomada	17
Deslocação à esquerda clítica	6
Total	78

Quadro 2: Número de ocorrências de cada estratégia de construção de tópico marcado

Conforme verificamos acima, o número total de dados encontrados foi de 78, o que representa um número bem pequeno, se considerarmos o total de textos que compõem a

amostra. A baixa frequência de construções de tópico-comentário se explica pelo fato de ser o PE uma língua [+sujeito nulo], isto é, uma língua que só preenche a posição de sujeito em contextos bem específicos, como discutido na seção 3.2.1 desta monografia.

A maior frequência foi de tópico pendente, com 33 dados, sempre introduzido por uma locução prepositiva ou uma preposição. Em seguida, estão as construções de topicalização, correspondendo a 22 ocorrências. Na sequência, temos as estruturas de tópico pendente com retomada, alcançando um total de 17. Por fim, a menor frequência encontrada foram de dados de deslocamento à esquerda clítico, com apenas 6 ocorrências.

Nas próximas seções utilizaremos o modelo quantitativo para descrever as características de cada tipo de estratégia encontrada.

5.2 Tópico pendente

A estratégia de tópico pendente é definida pela ausência de vínculo sintático entre o tópico e o comentário, de modo que a relação estabelecida entre eles é apenas semântica. Nessa estratégia, o tópico pode ser introduzido por um SN ou por locuções prepositivas como *quanto a* e afins. Em nosso *corpus*, todos os dados apresentaram uma locução prepositiva, como mostra o exemplo (85).

(85) [Quanto a esta crítica], gostaria de referir dois pontos. (*Público*, 2013)

No exemplo acima, o tópico *Quanto a esta crítica* não estabelece vínculo sintático com o comentário *gostaria de referir dois pontos*, na verdade, há apenas uma relação semântica. Assim, a leitura que fazemos é a seguinte: *No que se refere a esta crítica, o interlocutor declara que gostaria de referir dois pontos*. Nesse tipo de estratégia, a relação de *aboutness* (assunto) entre o tópico e o comentário fica evidente, sendo uma estrutura prototípica.

Em nossa pesquisa, identificamos que, na escrita do letrado português, há um vasto repertório de locuções prepositivas utilizadas. A figura 1 mostra a frequência das locuções prepositivas nos dados de tópico pendente.

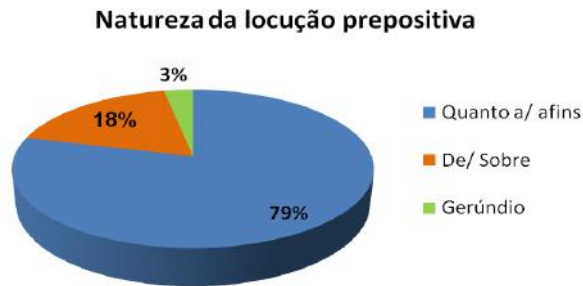


Figura 1: Distribuição percentual da natureza da locução prepositiva nos dados de tópico pendente.

Dos 33 dados de tópico pendente, em relação à natureza da locução prepositiva, verificamos que 26 dados foram introduzidos por locuções prepositivas, o que corresponde a 79% do total. Foram identificadas as seguintes: como *quanto a*, *a propósito de*, *no que toca a*, *no âmbito de*, *relativamente a*, *em relação a*, *em termos de* e *no caso de*. A seguir, transcrevemos um exemplo para cada locução prepositiva encontrada.

(86) Mas, **[quanto a um número importante de deficiências estruturais a combater]**, o silêncio tem sido de chumbo. (*Diário de Notícias*, 2019)

(87) **[A propósito dos títulos e textos sobre o julgamento, em Torres Vedras, de um indivíduo acusado de ter assassinado quatro pessoas]**, a leitora Ana Aguiar escreve que “não parece adequado usar o nome pelo qual um diagnosticado psicopata se auto-intitula. (*Público*, 2012)

(88) **[No que toca à carga fiscal]**, o Governo afirma: “O nível de tributação é elevado, tendo em conta o rendimento do país.” (*Público*, 2013)

(89) **[No âmbito da ação política]** o partido deslegitima a oposição, incentiva a violência e a criminalidade, recusa as instituições democráticas, defende abertamente ditaduras e afirma a superioridade étnica? (*Diário de Notícias*, 2019)

(90) **[Relativamente à redução da TSU paga por entidades empregadoras (também gradual e até quatro pontos percentuais)]**, há que salientar que a proposta é para a aplicar apenas aos contratos permanentes, pois é concebida precisamente como um incentivo à criação de emprego estável. (*Público*, 2015)

(91) **[Em relação ao referido sínodo]**, as preocupações devem centrar-se no primado das pessoas concretas e nos itinerários das suas múltiplas relações. (*Público*, 2015)

(92) **[Em termos político-mediáticos]**, perguntar “de quem é a culpa” passou a ser o tique discursivo de quem já não está disponível para pensar o que quer que seja. (*Diário de Notícias*, 2020)

(93) Mas **[no caso de Alegre]** temos visto mais do que isso. (*Público*, 2011)

Encontramos também alguns dados que não eram esperados em virtude do grau de monitoração do gênero textual. Assim, foram identificados 6 dados de tópico pendente introduzidos pelas proposições *de* e *sobre*, equivalendo a 18% dos dados, como em (94) e (95) e 1 ocorrência de tópico pendente introduzido por gerúndio, transcrita em (96), o que corresponde a 3% do total de dados. O uso de gerúndio chamou particular atenção, já que é incomum na escrita do letrado português, sendo bem recorrente entre brasileiros letrados.

(94) **[De D. Sebastião e da sua expedição atoleimada e falhada]**, ele demorou-se em longas frases. (*Diário de Notícias*, 2019)

(95) **[Sobre a NATO]**, foram vários os sinais de descomprometimento, manipulando a sua natureza, desprezando o esforço de investimento feito por muitos aliados europeus e reduzindo a pó o seu desígnio passado e futuro (...). (*Diário de Notícias*, 2019)

(96) **[E falando de alunos]** é incontornável o combate que tem de ser feito ao abandono escolar. (*Diário de Notícias*, 2018)

5.3 Topicalização

A construção de topicalização se caracteriza por apresentar uma categoria vazia a que o tópico está sintaticamente vinculado no interior do comentário, como em (97).

(97) **[A isto]_i** junta-se ____i a falta de ajuda financeira do Estado central para a permanência na Madeira de um helicóptero para o ataque inicial aos fogos florestais. (*Diário de Notícias*, 2018)

Em (97) o tópico *A isto* é retomado no interior do comentário por uma categoria vazia na função de oblíquo nuclear.

Quanto à função sintática a que o tópico está vinculado no interior do comentário, o quadro 3 apresenta a distribuição percentual.

Função sintática	Nº de ocorrências	%
Oblíquo nuclear	16	73%
Complemento nominal	3	13%
Objeto indireto	2	9%
Sujeito	1	5%
Total	22	100%

Quadro 3: Distribuição percentual dos dados de topicalização, segundo a função sintática a que o tópico está vinculado no interior do comentário.

Encontramos um total de 22 dados de topicalização, sendo a função sintática mais frequente a de oblíquo nuclear (exemplo 98), com 16 ocorrências, equivalendo a 73% dos dados. A segunda função sintática mais frequente foi a topicalização de complemento nominal, como se vê em (99), com registro de 3 ocorrências, alcançando 13%. Em seguida, estão as topicalizações de objeto indireto e de sujeito, que correspondem, respectivamente, a 9% e 5%, transcritas nos exemplos (100) e (101).

(98) **[Do código genético baptismal]**_i, não constam ____i os genes de ditadura na igreja.” (*Público*, 2014)

(99) **[Dessas críticas]**_i deu conta ____i o PÚBLICO a 15 de Dezembro, numa peça em que um administrador da Priberam questionava em que tipo de avaliação se fundamentara a opção do Governo e criticava a decisão tomada.” (*Público*, 2011)

(100) **[Ao Brasil]**_i faltava ____i Casemiro.” (*Diário de Notícias*, 2018)

(101) **[Que estamos a atingir o ponto rebuçado]**_i tornou-se óbvio ____i (*Diário de Notícias*, 2018)⁵

Observamos que não houve dados de TOP OD, fato que não confirma nossa hipótese, já que havíamos previsto que a topicalização de objeto direto seria um dos poucos contextos em que teríamos uma categoria vazia ao invés de um clítico, conforme explica Raposo *et al.* (2013). (Cf. seção 3.2.1). Por outro lado, a baixa frequência de topicalizações, no geral, se explica por ser o PE um sistema rico e robusto quanto ao emprego dos clíticos.

Em relação aos dados de topicalização de objeto indireto, identificamos a ausência da preposição *para*, nos casos em que é licenciada a alternância entre *a* e *para*, como em (100).

⁵ O único dado de topicalização de sujeito foi de uma oração.

Verificamos, portanto, que essa é uma característica que difere o PE do PB, visto que os dados mostram que o PE tem preferência pelo uso da preposição *a*, já, no PB, é mais frequente a preposição *para*.

No que diz respeito à configuração sintática, os dados de topicalização apresentam as seguintes características: (i) estão em contexto de frase raiz, (ii) ocorrem em orações finitas e (iii) apresentam material lexical à direita da categoria vazia. O exemplo (102) é um dado que reúne as três características.

(102) [**Contra a Rússia**]_i, terminaram o jogo _____i com 79% de posse de bola.” (*Diário de Notícias*, 2018)

Em (102), temos um exemplo de topicalização de complemento nominal, estando o tópico *Contra a Rússia* vinculado sintaticamente a uma categoria vazia no interior do comentário e exercendo a função de complemento do nome *jogo*. Observamos que (102) está em frase raiz, porque é um período simples, o verbo *terminar* está flexionado e a categoria vazia não é o elemento final do comentário.

Quanto à referencialidade do SN tópico, a análise não foi feita porque só houve tópico SP e um dado com tópico oracional, o que aponta para o fato de ser a topicalização bem mais restrita no PE, se comparado ao PB.

5.4 Deslocamento à esquerda clítico

O deslocamento à esquerda clítico ocorre quando o tópico é retomado por um pronome acusativo ou dativo no interior do comentário, havendo vinculação sintática entre o tópico e o correferente, conforme exemplificado em (103).

(103) [**A notícia**]_i, no final de um exame médico a que assisti, recebi-**[a]**_i à vinda de um congresso científico: a vida entrelaça-se com a morte. (*Público*, 2013)

No exemplo (103) o tópico *A notícia* é retomado no interior do comentário pelo clítico acusativo *a*, que exerce a função de objeto direto.

A figura 2 apresenta a distribuição percentual dos dados de objeto direto e de objeto indireto, no deslocamento à esquerda clítico.

Função sintática do constituinte

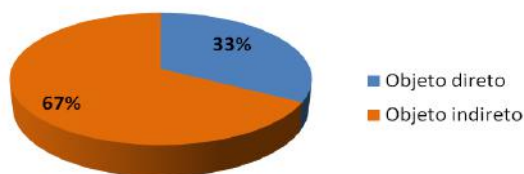


Figura 2: Distribuição percentual da função sintática do constituinte, nos dados de deslocamento à esquerda clítico.

Foram encontradas apenas 6 ocorrências e, dentre elas, encontramos 2 de DE clítico de objeto direto, conforme exemplificado em (103), o que equivale a 33%, e 4 de DE clítico de objeto indireto, como em (104), o que correspondente a 67%. É válido ressaltar que o número dos dados de deslocamento à esquerda clítico nos chamou atenção, pois esperávamos encontrar uma frequência maior dessa estratégia em vista de o PE possuir um sistema robusto de clíticos.

(104) [**Ao vigário de Cristo**]_i, com a sua *infallibilidade* definida no Vat. I, basta-**[lhe]**_i exigir obediência.” (*Público*, 2014)

Em relação à configuração sintática nos dados de deslocamento à esquerda clítico, 4 dos 6 dados encontram-se em frase raiz, conforme mostra o exemplo (104), ou no interior de uma subordinada, como exemplificado em (105).

(105) Sei porque o mundo é assim e sei porque **[a crônica]**_i serei eu a escrevê-**[la]**_i (*Diário de Notícias*, 2018)

Em (105), o tópico *a crônica* e o correferente *la* estão dentro de uma oração subordinada adverbial causal. Essas configurações sintáticas são previstas por Mateus *et al.* (2003) para as estratégias de deslocamento à esquerda clítico.

Identificamos, porém, 2 dados cuja configuração sintática não está prevista pelas descrições das gramáticas portuguesas. Estes dados foram transcritos em (106) e (107).

(106) **[A esse povo]**_i a quem o Governo hoje anunciou que vai ainda pagar mais impostos e receber menos do Estado que **[lhe]**_i prometeram social. (*Público*, 2010)

(107) [**Do padre José de Anchieta, o estudante coimbrão que foi para o Brasil entender os índios**]_i, citou-[lhe]_i uma ave-maria em tupi, sem sublinhar-[lhe]_i o significado revolucionário que foi tentar ouvir “o outro” (...). (*Diário de Notícias*, 2019)

No exemplo (106), temos uma estrutura sintática bastante complexa: o tópico *A esse povo* está à esquerda do pronome relativo *quem*, que introduz uma oração relativa. Dentro da relativa, o verbo *anunciar* introduz uma oração completiva, de modo que esta encontra-se dentro da oração relativa. Acontece que o tópico *A esse povo* é retomado pelo clítico *lhe* que, por sua vez, está no interior de outra oração relativa que modifica o sintagma nominal *Estado*, configurando-se em uma ilha sintática. Temos, assim, uma barreira para a correferencialidade, segundo Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013).

Em (107), o tópico *Do padre José de Anchieta, o estudante coimbrão que foi para o Brasil entender os índios* é retomado, uma segunda vez, no interior da oração reduzida de infinitivo, *sem sublinhar-[lhe]_i o significado revolucionário que foi tentar ouvir “o outro”*, pelo dativo de posse *lhe*. Esse tipo de estrutura parece ser uma excepcionalidade.

Estruturas como (106) e (107) podem representar o desaparecimento de barreiras sintáticas no PE, caso sua frequência venha a aumentar nesse sistema.

5.5 Tópico pendente com retomada

Na construção de tópico pendente com retomada, o tópico é introduzido pela locução prepositiva *quanto a* ou afins e é retomado no interior do comentário por uma categoria vazia, como em (108), ou um elemento lexicalmente expresso.

(108) [**Quanto à representante do Bloco**]_i, ____i foi igual a si mesma: palavra artificial... e visivelmente muito satisfeita consigo própria. (*Público*, 2009)

Em (108), vemos o tópico *Quanto à representante do Bloco*, que é introduzido por uma locução prepositiva, ser retomado no interior do comentário por uma categoria vazia e exercer a função de sujeito, no comentário. A retomada na posição de sujeito era a estrutura que esperávamos ter maior frequência, sendo o correferente uma categoria vazia, já que o PE é uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo.

Dos 17 dados de tópico pendente com retomada, 11 foram de tópico pendente com retomada na função de sujeito, sendo 8 retomados por categoria vazia, como em (108).

A seguir, listamos os três dados em que o sujeito se encontra preenchido.

(109) “[**Quanto à falta de referência sobre a renegociação da dívida pública, as alterações ao nível da TSU e o novo modelo de contratação laboral**]_i, estas_i são questões que levantam dúvidas por poderem ser ambíguas do ponto de vista ideológico.” (*Público*, 2015)

(110) Já [**sobre o peso do Estado na economia**]_i não há que fazer nenhum compromisso, pois este_i é o terreno nacional do debate ideológico e político. (*Público*, 2014)

(111) [**De D. João VI**]_i, também mencionado, esqueceu-se que ele_i não partiu para areias do deserto enfebrecido pela fé, mas foi o estadista que fez do Rio capital de um império pluricontinental. (*Diário de Notícias*, 2019)

Em (109) observamos que o pronome demonstrativo *esta* retoma o tópico *Quanto à falta de referência sobre a renegociação da dívida pública, as alterações ao nível da TSU e o novo modelo de contratação laboral*. Em (110) o tópico *sobre o peso do Estado na economia* é retomado no interior do comentário pelo pronome demonstrativo *este*. Já no exemplo (111) vemos o tópico *De D. João VI* sendo retomado pelo pronome nominativo *ele* em um contexto de não adjacência sintática.

Ainda em relação aos dados de tópico pendente com retomada na posição de sujeito, verificamos que, quando o português tem preenchimento de sujeito, a preferência de correferencialidade com o tópico é por meio do pronome demonstrativo, como ocorre nos exemplos (109) e (110), estrutura que já era esperada. Contudo, a retomada por meio de um pronome nominativo, como em (111), não era esperado. Acreditamos que, em (111), o fato de o referente ser [+humano] e [+específico] possa explicar o preenchimento dessa posição por um pronome nominativo.

Nos dados em que o tópico é retomado por uma categoria vazia, encontramos construções em que a categoria vazia apresenta adjacência sintática com o tópico, conforme visto em (108), mas também dados em que não há adjacência sintática entre tópico e categoria vazia, como mostra (112), em que o correferente do tópico é retomado no interior de uma oração completiva de verbo.

(112) [**Quanto a Angela Merkel**]_i, ficamos a saber que ____i “é a directora da prisão”.” (*Público*, 2015)

Houve 3 dados de tópico pendente com retomada na posição de objeto direto, como exemplificado em (113). Já esperávamos que o tópico fosse preenchido por um clítico acusativo, visto que o PE prefere preencher a posição do objeto e tem um sistema em que os clíticos são frequentemente usados.

(113) [**Relativamente a Tolentino – referido sempre nos cartoons como *tôlo entino***]_i - o líder regional madeirense fazia gala em [**o**]_i identificar como um agente do “colonialismo” continental, a soldo do “pasquim do capitalismo Belmiro”, como Jardim designava o jornal Público, ou mesmo de o apontar publicamente como um “traidor” à Madeira e aos madeirenses. (*Público*, 2015)

Também encontramos 2 ocorrências de tópico pendente com retomada na função de complemento nominal, transcritos em (114) e (115)

(114) [**No que respeita ao próprio Presidente**]_i, são aliás conhecidas, através de declarações públicas, as [**suas**]_i reservas." (*Público*, 2012)

(115) [**No que respeita à Turquia**]_i, as **suas**_i condenações no TEDH já são uma verdadeira rotina, uma vez que este Estado não tem qualquer consideração pela liberdade de expressão, nomeadamente quando está em causa a chamada “questão curda”.” (*Público*, 2015)

Em ambas, temos a escolha do pronome possessivo *suas* para retomar, respectivamente, os tópicos *No que respeita ao próprio Presidente*, em (114), e *No que respeita à Turquia*, em (115), ao invés das formas *dele/ dela*.

Neste capítulo, buscamos definir cada estratégia de tópico marcado que foi identificada na amostra, tendo o número de ocorrências para cada estratégia ilustrada no quadro 2. Também descrevemos o comportamento morfossintático e semântico dessas estratégias. Por meio dos dados, confirmamos algumas de nossas hipóteses e identificamos construções não previstas nas gramáticas de Raposo *et al.* (2013) e Mateus *et al.* (2003).

No próximo capítulo, apresentaremos as nossas considerações finais a respeito da análise, com base nas descrições dos resultados.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A finalidade desta pesquisa foi investigar as estratégias de tópico marcado presentes na escrita padrão portuguesa e descrever as características morfossintáticas e semânticas das construções identificadas. Em nossas hipóteses, acreditávamos encontrar uma baixa quantidade de construções de tópico marcado, já que são consideradas estruturas mais frequentes na fala, segundo Mateus *et al.* (2003) e Raposo *et al.* (2013). Além disso, esperávamos identificar uma frequência expressiva de construções de topicalização, especificamente, a topicalização de objeto direto, visto que o termo omitido é referenciado pelo tópico em posição inicial da sentença. Também defendemos a hipótese de que não seriam identificadas construções de tópico pendente introduzidos por um SN e deslocamento à esquerda de tópico pendente.

Coletamos um total de 78 dados de construções de tópico marcado, de uma amostra constituída por 254 textos. Verificamos que a quantidade de estratégias encontradas foi baixa. Dessa forma, confirmamos nossa primeira hipótese, que defendia a baixa frequência dessas estruturas na escrita de portugueses letrados, visto ser o PE uma língua de sujeito, segundo Li e Thompson (1976).

Em nossa análise, encontramos 4 tipos de construção de tópico marcado: tópico pendente, topicalização, deslocamento à esquerda clítico e tópico pendente com retomada. A estratégia de tópico pendente foi a que apresentou o maior número de ocorrências, com 33 dados, e a topicalização, a segunda maior frequência, com 22 ocorrências, não sendo identificados dados de topicalização de objeto direto. Esses resultados se contrapõem a nossa segunda hipótese, já que esperávamos identificar uma frequência majoritária de topicalização, principalmente, a de objeto direto.

Não identificamos dados de topicalização de oblíquo nuclear, de objeto indireto e de complemento nominal com supressão da preposição. Essa omissão é prevista por Mateus *et al.* (2003) para a modalidade oral e em contexto informal, características que não fazem parte da amostra analisada, visto que o artigo de opinião é um gênero que se posiciona mais à direita do *continuum* de monitoração estilística, textos [+monitorados], com base em Bortoni-Ricardo (2005). Sendo assim, os dados presentes nos textos opinativos confirmaram o comportamento previsto em Mateus *et al.* (2003).

A nossa terceira hipótese foi confirmada, já que não encontramos dados de tópico pendente introduzido por SN e deslocamento à esquerda de tópico pendente, em virtude de o PE ser considerado uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo.

A estratégia de deslocamento à esquerda clítica foi a que apresentou o menor número de ocorrências, com apenas 6 dados. Em relação a sua configuração sintática, houve 2 dados que seriam considerados agramaticais nas descrições portuguesas. Um deles foi o de deslocamento à esquerda clítico em ilha sintática, o que não era esperado, pois, segundo Mateus *et al.* (2003), a existência dessa barreira impossibilitaria a correferencialidade entre tópico e correferente. O segundo caso corresponde a ocorrência de deslocamento à esquerda clítico sendo o correferente retomado por um dativo de posse no interior de uma oração reduzida de infinitivo, comportamento considerado de excepcionalidade.

As construções de tópico pendente com retomada (cf. ORSINI, 2020) não são previstas pelas gramáticas descritivas do PE referenciadas neste estudo; entretanto, foram identificadas 17 ocorrências na escrita padrão do letrado português, ocupando o correferente as funções sintáticas de sujeito, objeto direto e complemento nominal. Dentre elas, a maior frequência foi de tópico pendente com retomada na posição de sujeito, com o correferente do tópico representado por uma categoria vazia, em vista de o PE ser uma língua [+sujeito nulo].

Ainda em relação às construções de tópico pendente com retomada, nos casos em que o tópico foi retomado por elemento lexicalmente expresso na posição de sujeito, encontramos dados do tópico sendo retomado por um pronome demonstrativo, o que foi detectado por Garcia (2014), na fala de portugueses [+letrados] e [-letrados]. Porém, tivemos um dado de correferencialidade feita por meio de um pronome nominativo em contexto de não adjacência sintática, característica que não esperávamos encontrar; contudo, acreditamos que o fato de o tópico possuir os traços [+humano] e [+específico] seja a razão para o preenchimento do sujeito com pronome nominativo.

Por fim, este trabalho visa à contribuição dos estudos a respeito das construções de tópico marcado existentes na escrita do letrado português, de maneira que possa colaborar para futuras análises comparativas entre a escrita padrão de brasileiros e portugueses. Além disso, fazer parte desta pesquisa me proporcionou ampliar os meus conhecimentos a respeito das análises linguísticas e aprofundar a minha compreensão acerca das etapas presentes no processo de investigação linguística, o que, sem dúvida, contribuiu de forma significativa para minha formação acadêmica.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemos na escola, e agora? Sociolinguística & educação**. SP: Parábola, 2005.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CASTRO, Ivo. **Formação da língua portuguesa**. In.: RAPOSO *et al.* (orgs.). Gramática do Português. Vol. 1. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. pp. 7-14.
- CASSEB-GALVÃO, Vânia C.; DUARTE, Milcinele da Conceição. **Artigo de opinião – Sequência didática funcionalista**. São Paulo: Parábola Editorial, 2018.
- DUARTE, Maria Eugênia; FREIRE, Gilson Costa e VASCO, Sérgio Leitão. Português europeu e português brasileiro: alguns aspectos morfossintáticos. In: Henriques, C. (org.). **Linguagem, Conhecimento e Aplicação**. Rio de Janeiro: Europa, 2003, pp. 253-266.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Sujeito de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. In: **Revista Linguística** – Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística, Rio de Janeiro, v.3, n. 1, 2007, pp. 89-115.
- DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. Sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. **Revista do GEL**, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, 2008, pp. 9-30.
- FREIRE, Gilson Costa. Acusativo e dativo anafóricos de 3ª pessoa na escrita brasileira e lusitana. **Revista da ABRALIN**, v.10, n.1, 2011, pp. 11-32.
- GARCIA, C. E. N. **As construções de topicalização e de deslocamento à esquerda na fala de brasileiros e portugueses**. 2014. 127f. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) - Faculdade de Letras/UFRJ - Rio de Janeiro, 2014.
- HOLMBERG, Anders. Null subject parameters. In. BIBERAUER, T., HOLMBERG, A., ROBERTS, I. & SHEEHAN, M.(orgs.) **Parametric variation: null subjects in minimalist theor**. Cambridge: CUP, 2010, pp. 88-124.
- KATO, Mary A. A natureza do objeto nulo e do nome nulo no Português Brasileiro. **Revista Intercâmbio**, São Paulo, v. XXIII, 2011, pp. 13-27.
- KENEDY, Eduardo. Conceitos fundamentais. In: **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.
- LI, C. & THOMPSON, S. Subject and topic: a new typology of language. In: Li, C. (ed). **Subject and Topic**. New York: Academic Press, 1976, pp. 457-489.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Oralidade e Letramento. In: **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010. pp. 15- 43.

- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A.P; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.
- MATEUS, Maria Helena Mira *et alii*. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5 ed. Caminho: Lisboa, 2003. pp. 490-502.
- ORSINI, M. T. Construções de tópico marcado na escrita culta brasileira: uma proposta tipológica. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, Vitória, v. 14, n. 29, 2020, pp. 157-170.
- PERINI, Mário. **Para uma nova gramática do português**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2004.
- PAGOTTO, E. G. A norma das constituições e a constituição da norma no século XIX. **Revista Letra**, Rio de Janeiro, v. 8, 2013, pp. 31-50.
- RAPOSO, Eduardo. *et alii*. **Gramática do Português**. V.2. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 2013.
- TOSTA, J. P. A. **Construções de deslocamento à esquerda, essas ocorrem em peças teatrais portuguesas dos séculos XIX e XX**. 2015. 49f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras na habilitação Português/ Literaturas) - Faculdade de Letras/UFRJ - Rio de Janeiro, 2015.